

INSTITUTO SUPERIOR ANÍSIO TEIXEIRA

Ariane da Silva

**ANÁLISE DA TRADUÇÃO DO LIVRO *THE FAULT IN OUR STARS***

São Gonçalo – RJ

2016

Ariane da Silva

**ANÁLISE DA TRADUÇÃO DO LIVRO *THE FAULT IN OUR STARS***

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Estudos da Linguagem com concentração na área de tradução do Instituto Superior Anísio Teixeira – ISAT como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Tradução Português-Inglês.

Orientador: Prof. M.<sup>o</sup> José Manuel da Silva

São Gonçalo – RJ

2016

Ariane da Silva

**ANÁLISE DA TRADUÇÃO DO LIVRO *THE FAULT IN OUR STARS***

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Estudos da Linguagem com concentração na área de tradução do Instituto Superior Anísio Teixeira – ISAT como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Tradução Português-Inglês.

Orientador: Prof. M.<sup>e</sup> José Manuel da Silva

---

Prof. M.<sup>e</sup> José Manuel da Silva – ISAT

---

---

São Gonçalo, RJ, 20 de novembro de 2016.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, que me deu forças para concluir essa Pós-graduação, agradeço a minha mãe Tânia, por me proporcionar estudar tudo que eu quisesse, a minha mãe Adriana, por estar sempre comigo, a meu esposo Dannyell e a toda minha família e amigos, por serem compreensíveis quanto a minha ausência.

Ao meu orientador Prof. M.<sup>o</sup> José Manuel da Silva pela paciência, correção e incentivo para seguir e finalizar essa monografia.

Ao ISAT, seu corpo docente, direção e administração, que me proporcionaram mais uma conquista em minha carreira acadêmica.

*“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes.” (Marthin Luther King)*

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo introduzir um breve estudo sobre tradução literária, exemplificando assim como funciona o trabalho do tradutor. Os exemplos foram retirados do livro *The fault in our stars* de John Green, traduzido para o português do Brasil como *A culpa é das estrelas*; conta a história de dois jovens com câncer que vivem uma história de amor. Durante a análise, foi possível observar muitas referências da História, expressões e cultura presentes no livro e como foram traduzidas. Os procedimentos tradutórios e aspectos de tradução foram apresentados na explicação dos itens para exemplificar as escolhas de palavras que o tradutor fez, para avaliar se a tradução foi bem realizada.

**Palavras-chave:** tradução literária. língua. análise. cultura.

## ABSTRACT

This work aims at introducing a brief study about literary translation, exemplifying the translator`s job. The examples were taken from the book *The fault in our stars*, by John Green, translated into Brazilian Portuguese as *A culpa é das estrelas*; it tells the story of two young people with cancer who live a love story. During the analysis it was possible to observe many references of History, expressions and culture present in the book and how they were translated. The translation procedures and translation topics were presented in the explanation of the items to exemplify the choices of words by the translator, in order to analyze whether the translation was well done.

**Keywords:** literary translation. language. analysis. culture.

## SUMÁRIO

|   |            |
|---|------------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>               | <b>134</b> |
| <b>2 A HISTÓRIA DA TRADUÇÃO .....</b>   | <b>136</b> |
| 2.1 A evolução da tradução .....        | 137        |
| 2.2 A tradução literária.....           | 139        |
| <b>3 AUTOR E OBRA.....</b>              | <b>140</b> |
| <b>4 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>.....</b>  | <b>144</b> |
| 4.1 Literatura.....                     | 144        |
| 4.2 Cultura Grega .....                 | 145        |
| 4.3 Expressões .....                    | 147        |
| 4.4 Aspectos Culturais.....             | 150        |
| 4.4.1 Televisão .....                   | 151        |
| 4.5 Estilística .....                   | 153        |
| 4.5.1 <i>Gírias</i> .....               | 154        |
| 4.5.2 Formalidade e Informalidade ..... | 160        |
| 4.5.3 Interjeição .....                 | 162        |
| 4.6 Casos Particulares .....            | 163        |
| 4.7 Multiword Verbs .....               | 169        |
| <b>5 CONCLUSÃO .....</b>                | <b>174</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b> | <b>176</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

De início, ao mencionar tradução, pressupõe-se transpor palavras de uma língua para a outra. No entanto, tal feito vai além, pois compreende estudo não só sobre a língua para a qual se deseja transpor, mas também de procedimentos tradutórios e conhecimentos culturais. Fazer algo soar natural em outra língua não é de inteira simplicidade; por isso, o trabalho do tradutor é tão específico.

Como nem todos os leitores têm acesso à obra original, o papel do tradutor é crucial. Ter acesso a algo que não é de sua língua poderia torna-se inalcançável. Por outro lado, o tradutor torna isso possível através de sua habilidade na utilização de técnicas desenvolvidas para cada caso.

Para construir a tradução de um texto ou uma obra, como a que foi analisada no corpo deste trabalho, é de grande valia ter o hábito de leitura em ambos os idiomas. Para o trabalho do tradutor é necessário ser um pouco escritor, um pouco imitador e até guia, para transpor toda a bagagem que um livro carrega e alcançar ao máximo a essência deste. Atualmente não faltam oportunidades para o bom emprego desta arte, porém é necessária seriedade em atender esta demanda com qualidade.

A escolha do livro analisado no trabalho foi feita por ser um livro muito admirado, uma grande obra do escritor John Green, que carrega muito realismo e emoção. Trata-se de uma história de amor entre dois adolescentes com câncer, chamados Hazel e Augustus, lançada em 2012. O escritor utiliza diversos itens da cultura enciclopédica em seus trabalhos; neste livro, utiliza inspirações Shakespearianas, da história da arte e de programas de televisão, tornando mais enriquecedora a experiência do leitor ao longo da história.

O projeto foi iniciado com a leitura da obra na linguagem original (inglês), seguida da leitura da obra traduzida para o português do Brasil. Em seguida, foram retirados itens diversos para análise, contemplando critérios de: adaptação, itens de difícil tradução, estrangeirismo, termos técnicos e expressivos. Em, sua maioria, os itens foram retirados dos capítulos iniciais.

Neste trabalho, o objetivo é apresentar diferentes exemplos, que foram traduzidos e interpretados para exemplificar situações que ocorrem durante a tradução literária. Deste modo, este trabalho pode ser uma fonte de inspiração para

as pessoas que estão iniciando a carreira como tradutores e também estudantes da disciplina de tradução.

O Capítulo 2 inicia com uma introdução sobre o que é tradução, a história da tradução, intérpretes importantes, como a tradução foi tratada ao longo dos anos e a polêmica sobre como seria traduzir corretamente, ser literal ou adaptar, temas que até hoje são discutidos. Mesmo assim, hoje os tradutores mantêm praticamente a mesma ideia sobre a tradução literária, adaptam quando necessário e mantêm palavras semelhantes ao original sempre que possível.

O Capítulo 3 possui algumas informações sobre o escritor John Green, sua bibliografia, onde nasceu e suas principais obras.

O Capítulo 4 é constituído por uma análise na qual itens como literatura, cultura grega, expressões da língua, programas de televisão ou filmes presentes na obra foram traduzidos. O livro possui uma grande carga cultural com ótimas ideias e contextos bem interessantes. A análise mostra como alguns *Multiword verbs* foram analisados. A partir da estilística, as gírias presentes foram analisadas, a formalidade e a informalidade no livro foram analisadas em relação à escolha de palavras para cada situação, e as interjeições foram identificadas e analisadas com base nos exemplos retirados do livro. Os casos particulares na tradução foram analisados quanto à escolha de termos por parte da tradutora.

## 2 A HISTÓRIA DA TRADUÇÃO

A tradução é tão antiga quanto os seres humanos. Muito antes do início da escrita, a comunicação entre grupos que falavam línguas diferentes era feita por intérpretes. Os estudos teóricos sobre a tradução começaram no período romano, quando teve início a tradução de textos do grego para o latim.

Vega (1994) explica que a história da tradução começou a ser contada a partir de Cícero [46 a. C.], um grande nome no início da tradução, que traduziu os discursos de Ésquines e de Demóstenes, dois discursos muito importantes e que se opunham. Ao comentar sobre isso, afirma que não os traduziu como intérprete e sim como orador; não traduziu palavra por palavra, mas adaptou as palavras aos seus costumes e conservou sua força.

Assim, Plínio [ca. 50], na carta 9, afirmava que o ato de traduzir vinha do grego para o latim e do latim para o grego, sendo possível encontrar a norma culta, as figuras de linguagem, argumentação e aperfeiçoamento através da base dos outros tradutores mais antigos. Ele dizia que o tradutor não poderia deixar escapar nada do texto; assim, adquire inteligência e juízo. As traduções nessa época ficavam restritas à religião, arte e ciência.

Outro tradutor, Santo Agostinho, falando sobre doutrina cristã, comenta que o conhecimento das línguas é muito importante. Para entendimento das divinas Escrituras, por exemplo, aqueles que sabem a língua latina precisam conhecer as línguas hebraica e grega. Muitas vezes são encontradas nos livros santos palavras não traduzidas, como por exemplo, *Amém*, *Aleluia*. Mesmo que elas pudessem ter sido traduzidas, foram conservadas; ou por serem palavras de autoridade religiosa, ou por não encontrarem equivalência em outra língua, algumas palavras não alcançam significado adequado em outra língua.

Santo Agostinho também acrescenta que, quando se traduz, deve-se voltar às línguas de onde se traduziu para o latim ou outras versões que foram traduzidas palavra por palavra, não por ser suficiente, mas para saber a verdade sobre a tradução, não cometer erros, como é possível que outros tradutores que decidiram verter possam ter cometido.

São Jerônimo, por não traduzir palavra por palavra, foi chamado de intérprete ao invés de tradutor. Ele dizia que, a não ser pelas Escrituras sagradas, a ordem das palavras é essencial. Na tradução, ele não traduz palavra por palavra,

mas sentido por sentido. Afirma que fez a versão como orador, não como intérprete, com ideias, formas e figuras iguais e palavras ajustadas para o uso da linguagem.

Para São Jerônimo, traduzir palavra por palavra não é essencial, mas sim conservar a propriedade e força das palavras, como já dizia Cícero [46 a. C.]. Também levanta a questão das palavras de Horácio (apud VEGA, 1994): “Não trates de verter, escrupuloso / intérprete, palavra por palavra.”

Para São Jerônimo, é difícil preservar o original na tradução. Assim, ele afirma que traduzir ao pé da letra soa mal, como se saísse do ofício de intérprete. Conclui-se, assim, que desde sua mocidade, jamais pretendeu traduzir palavra por palavra, mas sim sentenças.

Estas são referências de nomes do início da tradução, grandes intérpretes que marcaram a história da tradução.

De acordo com Britto (2012, p. 20), a tradução é indispensável para o contato entre diferentes línguas e culturas. É importante ressaltar que grande parte do que se lê hoje é tradução: manuais, bulas de remédio, textos sagrados. Todas as profissões decorrem de traduções: médicos, engenheiros, advogados.

## 2.1 A evolução da tradução

As primeiras traduções automáticas, segundo Ballard (1999), surgiram após a 2ª Guerra Mundial, pois havia muitos textos a serem traduzidos; assim, confiaram na capacidade dos primeiros computadores. Muitas dificuldades foram encontradas, pois para muitas pessoas a questão da tradução foi redescoberta.

Houve muita repercussão em relação à história da tradução; em 1960, Mounin (1975) destaca que a obra *La Stylistique comparée du français et de l'anglais* [*Estilística comparada do francês e do inglês*], de Vinay e Darbelnet, é o primeiro tratado sobre tradução, e indica a entrada da tradução para o escopo da linguística.

Não faltam obras sobre tradução. A bibliografia fundamental, que não existe mais, seria bem vasta. Mas esta obra é, sem dúvida, o primeiro tratado sobre tradução. Ela propõe "a entrada natural da tradução no escopo da Linguística". (MOUNIN, 1975, p. 227).

Após alguns anos, Mounin se contradiz em *Les problèmes théoriques de la traduction* [*Os problemas teóricos da tradução*], dizendo não haver uma pesquisa científica sobre tradução.

[...] até estes últimos anos, quem quer que empreendesse o estudo conjunto dos problemas suscitados pela operação de traduzir dava-se conta de um fato bastante surpreendente: considerada como uma ordem de fenômenos particulares, como um campo de pesquisas que tinha um objeto *sui generis*, a tradução permanecia como um setor inexplicado, e até mesmo ignorado. (MOUNIN, 1975, p. 21 apud BALLARD, 1999).

Ele ainda comenta o caráter empírico dos tradutores.

Os nomes de Cícero, de Horácio, de São Jerônimo, de Dante, de Erasmo, de Étienne Dolet, de Joachim du Bellay, de Amyot, de Lutero, de La Motte-Houdar, de Montesquieu, de M<sup>me</sup>. Dacier, de Rivarol e de Popo; os de Chateaubriand, de Paul-Louis Courier, de Goethe, de Schlegel, e de Schopenhauer, de Humboldt, de Leconte de Lisle, e de Mallarmé, e em seguida de Bérard, de Bédier, de Mazon, de Valéry Larbaud, de Croce, de Gide, mal delineiam a bibliografia dos escritores que, quase sempre a propósito de uma outra coisa qualquer, formularam sua opinião sobre a tradução. Porém, mesmo nos melhores casos, eles propõem ou codificam impressões gerais, intuições pessoais, inventários de experiências e receitas artesanais. Reunindo esta matéria toda, segundo o capricho de cada qual, obtém-se um empirismo da tradução, por certo jamais desprezível, mas sempre empirismo. (MOUNIN, 1975, p. 22-23 apud BALLARD, 1999).

As palavras do autor causam estranhamento porque alguns anos antes, em 1955, em *Les Belles Infidèles* [*As belas infiéis*], Mounin utilizou os mesmos autores para argumentar sobre a possibilidade de traduzir e suas diferentes maneiras.

Ocorria a preocupação de se distanciar do passado. Esta ideia foi contrastada por dois anglófonos, George Steiner e Louis Kelly, que em 1970 mostraram a importância do passado em *Après Babel* [*Depois de Babel*] (1975) e também em *The true interpreter* [*O verdadeiro intérprete*] (1979), com muitas referências históricas para dar riqueza aos argumentos.

De acordo com Britto (2012, p. 26), a década de 1970 foi muito importante por firmar o estudo da tradução como campo de saber autônomo, que hoje tem destaque no mundo. Infelizmente, a tradução tem pouca visibilidade na obra; os leitores normalmente não se perguntam sobre a natureza da tradução.

As pessoas tendem a pensar que a tarefa de traduzir é algo fácil, que tudo se resolve consultando um dicionário apenas, e que com o avanço da internet a tradução será simplesmente automática, sem precisar de ninguém.

## 2.2 A tradução literária

A tradução literária, de acordo com Britto (2012), não tem a ver com tradução mecânica e sim com um trabalho bem criativo; assim, para Britto (2012), na tradução, beleza e fidelidade podem andar juntas.

Em 1970, o campo de estudo da tradução começou a se constituir com Mary Snell-Hornby em *The turns of translation studies*. A tradução era estudada como parte da linguística, principalmente a parte referente à tradução técnica, e a tradução literária era uma parte da linguística comparada. A partir dos estudos de James Holmes, a tradução se tornou uma área autônoma.

Segundo Snell-Hornby (apud BRITTO, 2012, p. 44), Holmes utilizou correspondência ao invés de equivalência, para ele um termo mais real. Ele também chamou a atenção para o fato de que a tradução não ocorre por sentenças, estruturas da língua, mas por textos, não por aspectos da gramática. Consequentemente Holmes e outros pioneiros do ramo da tradução iniciaram uma “virada cultural”, em que um texto traduzido só seria compreendido se fosse considerado um fenômeno cultural com contexto e aspectos linguísticos. Essa virada fez parte do campo das ciências humanas.

Em 1980, a ideia de tradução como algo mecânico, uma forma de substituição de palavras de um idioma a outro, teve uma mudança com base no valor da obra literária traduzida. É comentado também que não é possível colocar o original à frente da tradução; por serem textos diferentes, não é possível que dois textos de idiomas diferentes, a tradução e o original, digam a mesma coisa.

Alguns teóricos começaram a afirmar que a diferença entre tradução e original não passava de preconceito. Outro argumento sobre tradução literária era que o autor de obra literária que produz uma tradução produz uma nova obra a partir da anterior. Esses grandes fatos fizeram parte do início da tradução literária, comentando assim a importância do tradutor ao longo dos anos, momentos importantes para a formação da história da tradução.

### 3 AUTOR E OBRA

John Green nasceu em Indianápolis, Indiana, no dia 24 de agosto de 1977; entretanto, cresceu em Orlando, Flórida. Seus estudos foram na *Lake Highland Preparatory School* e na *Indian Springs School*. Em 2000, formou-se pelo *Kenyon College*, em Inglês e Estudos Religiosos; até pensou na possibilidade de se tornar ministro episcopal.

A inspiração de John Green para escrever *The fault in our stars* [*A Culpa é das Estrelas*] veio através de sua experiência de cinco meses trabalhando em um hospital infantil. Nesse hospital ele conheceu Ester. Ester Grace Earl foi a grande inspiração para a obra: ela tinha câncer de tireoide, como a personagem do livro; mas o livro não é sua história, é uma história fictícia.

Outras experiências marcantes vieram através do tempo que passou como assistente editorial do jornal *Booklist*, quando morou em Chicago, e quando foi crítico literário no *The New York Times Book Review*, em Nova York.

Ele é um romancista norte-americano, estrela da linha chamada *Young-adult*, literatura para adolescentes e jovens. É autor das obras: *Quem é Você Alasca?* (2005); *O Teorema Katherine* (2006); *Deixe a Neve Cair* (2008); *Cidades de Papel* (2008); *Will e Will, Um Nome, Um Destino* (2010); e *A Culpa é das Estrelas* (2012), este um sucesso de vendas, tanto nos Estados Unidos como também no Brasil. A literatura de John Green é considerada bem realista e baseada nos dias atuais.

Ele também é vlogger<sup>1</sup>, ao lado do irmão Hank, que tem um selo de música e um site direcionado a temas ambientais e tecnológicos; o canal está no YouTube, chama-se VlogBrothers, e tem mais de 1,1 milhão de seguidores. Nos vídeos, eles alternadamente comentam diferentes temas contemporâneos; através da internet eles também levantam dinheiro para caridade. Os seus seguidores se definem como *nerdfighters*, que quer dizer “o nerd que celebra sua nerddade”, como define o autor.

Junto com seu irmão, John se apresenta em diferentes shows de piadas, sessões de perguntas e respostas com a plateia, canções sobre física e sobre Harry Potter; eles já até se apresentaram no *Carnegie Hall*, em Nova York. Eles também foram convidados pelo Google para fazer curtas educativos, chamados *Crash*

---

<sup>1</sup> Vlogger é aquele que cria um blog em formato de vídeo. (CÍNEFILOS, 2016).

*Courses*, sobre diferentes temas como História Natural, História Americana e Literatura, apresentados por John, e Química, Biologia, Ecologia e Psicologia, apresentados por seu irmão Hank.

Hoje, John mora em Indianápolis com sua esposa Sarah e seus dois filhos Henry Green e Alice Green. Sarah é curadora de arte contemporânea em um museu.

O romance *The fault in our stars [A Culpa é das Estrelas]* versa sobre uma paciente terminal, chamada Hazel Grace, e um jovem chamado Augustus Waters, que aparece um dia no Grupo de Apoio a crianças com câncer. É uma história de amor entre dois jovens marcados pelas consequências da doença.

Hazel é uma jovem de apenas 16 anos, olhos verdes, pele clara, que sofre com câncer na tireoide; mas graças a um avanço da medicina, ela se encontra estabilizada em relação a avanços da doença. Uma jovem que ama leitura, tem um livro preferido que se chama *Uma aflição imperial* (livro fictício criado para a trama), gosta de *All Stars Chuck Taylors*<sup>2</sup> e já está até na faculdade. Sua mãe insiste em que ela vá ao grupo de apoio, sempre dizendo que a filha precisa sair de casa, viver, não ficar em frente à televisão assistindo a *America's Next Top Model*<sup>3</sup>, e que talvez ela esteja em depressão. Nesse grupo, ela conhece Augustus, ou melhor, Gus, um jovem de 17 anos, alto, magro, sorriso e andar “cafajeste” (*A culpa é das estrelas*, p. 21), ex-jogador de basquete que perdeu uma perna por causa do osteossarcoma. Ama música, livros e jogar videogame; seu jogo favorito é *Counterinsurgence*.<sup>4</sup>

Logo os dois se conhecem e iniciam sua história. Eles são contagiados um pelo outro. Augustus chamou a atenção de Hazel por sua maneira cativante e otimista: ele enxerga o mundo da melhor forma. Eles têm um amigo em comum, Isaac, que tem câncer nos olhos e está prestes a ficar cego.

Os dois assistem a filmes juntos, trocam livros, tudo vai acontecendo e eles cada vez ficam mais próximos. Eles e a mãe de Hazel viajam juntos para Amsterdã, para conhecer Peter Von Houten; eles se decepcionam ao conhecer o autor favorito de Hazel, por ele não ser o que ela esperava: ela acreditava que ele era um homem

---

<sup>2</sup> O nome *All Star* é popular no Brasil, mas no exterior as pessoas chamam o tênis de *Chuck Taylor* em alusão ao nome de um jogador de basquete.

<sup>3</sup> É um programa da TV Americana, no qual 10 a 14 garotas aprendizes de modelo convivem por três meses juntas em uma casa luxuosa, onde fazem provas de fotografia, passarela, vídeo, atuação e personalidade.

<sup>4</sup> É um jogo de guerra fictício na trama.

cheio de respostas sobre a continuação do livro e histórias para contar, mas vivia bêbado e não pensava em escrever mais nada. Era um homem maltratado pela perda da filha com câncer e muito arrogante. No decorrer do livro, o leitor imagina o tempo todo que Hazel está doente ainda e Gus está curado; porém, no fim, Gus surpreende a todos, fica muito doente e morre, proporcionando assim a Hazel “um pequeno infinito em seus dias numerados” (GREEN, 2012).

O livro foi lançado em 2012 e foi um sucesso, não só nas livrarias como também no cinema. A adaptação para o cinema contou com Shailene Woodley como Hazel e Ansel Elgort como Augustus, uma obra com termos Shakesperianos como *hamartia* e *amor estrela-cruzada*.

O título da obra vem de uma frase de Shakespeare, em que ele compara “estrelas” a “destino”. No texto original, o nobre Cássio diz a Bruto que a culpa não é das estrelas, mas deles mesmos, que consentem em ser inferiores. Assim, não há nada de errado com o destino; o problema somos “nós”. Todavia, John Green, ao comentar sobre o título do livro, no site da editora Intrínseca, diz que isso só é válido falando de Bruto e Cássio, mas não quando falam de pessoas; muitas passam por muitas coisas sem merecer. Assim as estrelas é que têm culpa. A intenção do livro, de acordo com o autor, foi comentar como o mundo não é justo e que não é possível viver uma vida plena, mesmo que não se viva em um grande palco, como Cássio e Bruto em *Júlio César*, de Shakespeare. Uma referência aparece a seguir:

| Original – (MUNRO, 1957, p. 272-273)  | Tradução – (BLOOM, 1998, p. 159)   |
|---|--|
| <p style="text-align: center;">CASSIUS</p> <p>Why, man, he doth bestride the narrow world<br/> Like a Colossus, and we petty men<br/> Walk under his huge legs and peep about<br/> To find ourselves dishonourable graves.<br/> Men at some time are masters of their fates:<br/> The fault, dear Brutus, is not in our stars,<br/> But in ourselves, that we are underlings.<br/> Brutus and Cæsar: What should be in<br/> that Cæsar?<br/> Why should that name be sounded more than<br/> yours?<br/> Write them together, yours is as fair a name;<br/> Sound them, it doth become the mouth as well;<br/> Weigh them, it is as heavy; conjure with `em,<br/> Brutus will start a spirit as soon as Cæsar. (...)</p> | <p style="text-align: center;">CÁSSIO</p> <p>Ele cavalga, amigo, o mundo estreito<br/> como um outro Colosso, enquanto os homens<br/> pequeninos lhe andamos por debaixo<br/> das pernas gigantescas e espreitamos<br/> por toda parte, a fim de ver se túmulos<br/> desonrados achamos. Há momentos<br/> em que os homens são donos de seus fados.<br/> Não é dos astros, caro Bruto, a culpa,<br/> mas de nós mesmos, se nos rebaixamos<br/> ao papel de instrumentos. Bruto e César!<br/> Que pode haver nessa palavra `César`,<br/> para soar melhor que vosso nome?<br/> Escrevei-os a par, tão belo é o vosso<br/> como o dele, não menos. Pronunciai-os:<br/> tanto um como outro assenta bem na boca.<br/> Pesai-os; equilibram-se. Valei-vos<br/> deles para conjuros; é certeza<br/> que `Bruto` fará vir qualquer espírito<br/> com a mesma rapidez que o fará `César`. (...)</p> |

## 4 ANÁLISE DO CORPUS

Neste capítulo, será feita a análise do *corpus*, com trechos retirados do livro *The fault in our stars*, de John Green, traduzido para o português do Brasil como *A culpa é das estrelas*. As passagens serão avaliadas de acordo com temas que vão de cultura a gramática, com base em teorias de diferentes autores. O objetivo principal é analisar a tradução.

### 4.1 Literatura

De acordo com Borges (2011, p. 4), as produções filosóficas, científicas e teatrais da cultura grega formaram o pensamento universal até a Idade Moderna.

Através da literatura, é possível comentar sobre a cultura grega; nas tragédias, os gregos ilustravam problemas do ser humano, como o destino, as paixões e a justiça. Por outro lado, a comédia satirizava os costumes, o comportamento humano e a própria sociedade.

As encenações eram ao ar livre; os atores usavam máscaras para expressar a característica do personagem. Os personagens só podiam ser interpretados por homens. Havia festivais de teatros bastante populares e concorridos, os concursos teatrais davam grande projeção aos vencedores.

Neste item será analisado um conceito literário chamado *hamartia*.

#### Exemplo 1

| Original (GREEN, 2012)   | Tradução (GREEN, 2012)   |
|--|--|
| <p>But of course there is always a <i>hamartia</i> and yours is that oh, my God, even though you HAD A FREAKING CANCER you give money to a company in exchange for the chance to acquire YET MORE CANCER. Oh, my God. Let me just assure you that not being able to breathe? SUCKS. Totally disappointing. <i>Totally.</i></p> <p>“A <i>hamartia</i>?” he asked, the cigarette still in his mouth. “It tightened his jaw. He had a hell of jawline, unfortunately.” (p. 20) [destaque nosso]</p> | <p>Mas é claro que sempre tem uma <i>hamartia</i> e a sua é que, ai, meu Deus, mesmo você TENDO TIDO UM RAIOS DE UM CÂNCER ainda dá dinheiro para uma empresa em troca da chance de ter MAIS CÂNCER. Ai, meu Deus. Deixe eu só dizer para você como é não conseguir respirar? É UM INFERNOS. Totalmente decepcionante. <i>Totalmente.</i></p> <p>— Uma <i>hamartia</i>? — ele perguntou, o cigarro ainda na boca.</p> <p>Aquilo deixava sua mandíbula contraída. E a linha da mandíbula dele, infelizmente, era tudo... (p. 25) [destaque nosso]</p> |

No Exemplo 1, o narrador utiliza a palavra grega *hamartia* na fala da personagem Hazel, que cita o termo mostrando decepção porque seu par no

romance, Gus, estar com um cigarro. O fato de estar com um cigarro na boca fora interpretado como um erro grave, pelo fato de os dois terem câncer.

Segundo Mcleish (1998, p. 28), *hamartia* na literatura significa um erro cometido pelo protagonista de uma tragédia, um erro trágico. O termo aparece na poética de Aristóteles; assim, também é conhecido por “falha aristotélica” e “erro trágico”. Para Aristóteles, a tragédia inesperada é perfeita, por refletir no leitor a comoção do espectador. Além disso, a tragédia inesperada, com a *hamartia*, é mais perfeita ainda, pois o herói admite que errou quando as coisas vão além de suas forças. É importante ressaltar que a *hamartia* deve ser cometida pelo herói, por um homem bom.

Diferente de Aristóteles, nas tragédias de Shakespeare, Mcleish (1998, p. 28) comenta que a *hamartia* acontece por falha no caráter da personagem; assim, em *Macbeth*, a ambição e a ignorância são chamadas de *hamartia*.

A tradutora utilizou o mesmo termo do original com base em um procedimento tradutório chamado estrangeirismo, (BARBOSA, 2008, p. 71), que consiste em manter a palavra como no original. A palavra é de origem grega; deste modo, possui a mesma forma na língua original e na tradução. Assim, a tradutora agiu bem na escolha da palavra, pois utilizou a forma grega conhecida em diversos idiomas.

## 4.2 Cultura grega

Segundo Borges (2011, p. 1), a herança cultural deixada pelos gregos foi muito rica e influenciou toda a civilização ocidental. As produções filosóficas, científicas e teatrais da cultura grega formaram o pensamento universal até a Idade Moderna.

Neste item será analisada a expressão “espada de Dâmocles” (*Sword of Damocles*), que é uma expressão já conhecida; não foi apenas criada para o romance.

O livro *The fault in our stars [A Culpa é das Estrelas]* contém a expressão grega “a espada de Dâmocles”. No Exemplo 2, a personagem Hazel fala sobre o líder do Grupo de Apoio, que, como os outros, está quase morrendo. Ela utiliza o termo para dizer que esta espada vai trazer o alívio, ou melhor, a morte para ele.

Esta expressão significa “perigo iminente”, (UFCG, 2011), como se ele estivesse a todo o tempo sob o risco de morte.

### Exemplo 2

| Original (GREEN, 2012)   | Tradução (GREEN, 2012)  |
|--|---|
| <p>[...] they thought he was going to die and now here he is, a full-grown adult in a church basement in the 137<sup>th</sup> nicest city in America, divorced, addicted to video games, mostly friendless, eking out a meager living by exploiting his concertastic past, slowly working his way toward a master`s degree that will not improve his career prospects, waiting, as we all do, for the <b>sword of Damocles</b> to give him the relief that he escaped lo those many years ago when cancer took both of his nuts but spared what only the most generous soul would call his life. (p. 4) [destaque nosso]</p> | <p>[...] e acharem que ele ia morrer, mas não morreu, e ali estava, já adulto, no porão de uma igreja na 137<sup>a</sup> cidade mais linda dos Estados Unidos, divorciado, viciado em videogames, quase sem amigos, levando uma vida sem graça explorando seu fantástico passado com câncer, ralando para terminar um mestrado que não vai melhorar sua perspectiva de progresso na carreira e esperando, como todos nós, que a <b>espada de Dâmocles</b> traga para ele o alívio do qual escapou muitos anos atrás, quando o câncer levou seus testículos e lhe deixou algo que só a alma mais generosa poderia chamar de vida. (p. 12) [destaque nosso]</p> |

A história da Espada de Dâmocles começou na corte do rei Dionísio, um homem rico e poderoso. O Velho, tirano de Siracusa, era o melhor amigo de Dionísio, que sempre lhe dizia: “Que sorte a sua! Você tem tudo!” Um dia, cansado de ouvir isso, Dionísio propôs ao seu amigo trocar de lugar com ele por uma noite. Seu amigo aceitou. Ele foi levado ao palácio, onde recebeu todo o tratamento real. Em meio à euforia, levantou seus olhos, e viu presa, por apenas um fio, uma espada enorme sobre sua cabeça. Ele desejou sair correndo imediatamente; por outro lado, deteve-se, com medo de que o movimento brusco arrebatasse o fio e assim ela caísse, cortando-lhe a cabeça.

Sabe-se que o rei Dionísio explicou que aquela espada sempre estava sobre sua cabeça, pois havia a todo o momento a possibilidade de alguém ou alguma coisa partir o fio (UFCG, 2011). Por exemplo, algum conselheiro poderia se voltar contra ele e tentar matá-lo, as pessoas poderiam inventar mentiras sobre ele, poderiam tomar seu trono. Um rei precisava estar disposto a levar uma vida cheia de ameaças, para exercer tal função. Assim o conselheiro da corte não quis voltar a trocar de lugar, para não ter que suportar a presença da espada em sua cabeça.

No Exemplo 2, a personagem comenta o alívio que a espada de Dâmocles pode trazer a Patrick, o líder do grupo de apoio, que sofre de câncer nos testículos. A escolha de palavras que a tradutora fez foi coerente, porque este mesmo termo aparece em outros contextos da mesma forma. Assim, é possível observar que a

tradutora fez uma pesquisa para saber que essa expressão já tinha equivalência na língua de chegada.

A tradutora optou por traduzir *sword of Damocles* por “espada de Dâmocles”, pelo procedimento de tradução chamado “palavra por palavra”, (BARBOSA, 2008, p. 64). Este procedimento foi necessário, pois a palavra já é conhecida em outros contextos desta mesma forma, como em textos da mitologia. Constatou-se, assim, que a escolha foi boa por parte da tradutora.

### 4.3 Expressões

Debbie Downer é o nome de uma personagem do programa *Saturday Night Live*, interpretada por Rachel Dratch. SNL [*Saturday Night Live*] é um programa que cria personagens inusitados, situações humoristicamente estranhas e paródias. O programa também teve uma versão brasileira no ano de 2012, o *Saturday Night Live Brasil*.

Segundo o *Urban Dictionary*, a expressão *Debbie Downer* significa uma pessoa que diz algo terrivelmente deprimente (um infortúnio), tipicamente sobre circunstâncias presentes ou temas de conversa, e, assim, destrói a atmosfera positiva, o que é uma característica da personagem Debbie Downer.

#### Exemplo 3

| Original (GREEN, 2012)   | Tradução (GREEN, 2012)  |
|--|---|
| “How was Isaac’s Support Group?”<br>“It was incredible,” Gus said.<br>“You’re such a <b>Debbie Downer</b> ,” his mom said.<br>“Hazel, do you enjoy it?”<br>I paused a second, trying to figure out if my response should be calibrated to please Augustus or his parents. “Most of the people are really nice,” I finally said. (p. 27) [destaque nosso] | — Como foi lá no Grupo de Apoio do Isaac? —<br>Foi inacreditável — disse o Gus.<br>— Você é um tremendo <b>desmancha-prazeres</b><br>— a mãe disse. — Hazel, você gosta de lá?<br>Fiquei em silêncio por um segundo, tentando decidir se minha resposta deveria ser calculada para agradar ao Augustus ou aos pais dele. — A maioria das pessoas é bem legal — falei, por fim. (p. 31) [destaque nosso] |

No Exemplo 3, o personagem Gus foi irônico com sua mãe ao dizer que o grupo de apoio foi inacreditável, que gostou muito; assim, ela diz que ele é um “tremendo desmancha-prazeres”, por ela esperar que ele tivesse gostado.

A tradutora optou por traduzir a expressão *Debbie Downer* por “desmancha-prazeres”; o termo original não faria sentido se mantido, pois em português não existe expressão que corresponda a *Debbie Downer*. Deste modo, a tradutora

procurou uma palavra para fazer uma adaptação, que, (BARBOSA, 2004, p. 76), é necessária quando não existe uma palavra equivalente na língua do leitor.

É muito importante o tradutor fazer uma pesquisa sobre as expressões para saber como elas já foram traduzidas anteriormente, e, se sim, como aparecem em outras fontes, para conhecer seus diferentes significados. A expressão *Debbie Downer* é conhecida em outros contextos; uma canção foi levada em consideração neste trabalho, para ilustrar estas possibilidades.

A expressão *Debbie Downer* foi tema de uma canção da cantora e compositora Courtney Barnett em seu primeiro álbum, lançado em 2015, *Sometimes I Just Sit And Think And Sometimes I Just Sit* (ITUNES, APPLE); a canção não possuiu versão em português. Na canção, o eu lírico pede para ela não ser tão pessimista e mudar, ser feliz. As duas interpretações, tanto no livro quanto na canção são bem similares, por se referirem a alguém pessimista, desmancha-prazeres.

| <b>Debbie Downer – Courtney Barnett</b>   |  |
|---|--|
| <p>Tell me when you're getting bored and I'll leave<br/>I'm not the one who put the chain around your feet<br/>I'm sorry for all of my insecurities but they're just part of me<br/>"Envy is thin because it bites but never eats"<br/>That's what a nice old spanish lady once told me<br/>"Hey debbie-downer turn that frown upside down<br/>And just be happy"</p> <p>I don't ask too much of you<br/>It's true and I can't read your mind</p> <p>Don't stop listening I'm not finished yet<br/>I'm not fishing for your compliments</p> | <p>I'm growing older every time I blink my eyes<br/>Boring, neurotic, everything that I despise<br/>We had some lows we had some highs we had some highs<br/>Sell me all your golden rules<br/>And I'll see if that's the kind of person that I wanna be<br/>If I'm not happy I'll be glad I kept receipts</p> <p>I won't ask too much of you<br/>I used to wonder what to wear</p> <p>Don't stop listening I'm not finished yet<br/>I'm not fishing for your compliments<br/>Don't stop listening I'm not finished yet<br/>I'm not fishing for your compliments<br/>Don't stop listening I'm not finished yet<br/>I'm not fishing for your compliments<br/>Don't stop listening I'm not finished yet<br/>I'm not fishing for your compliments</p> |

A próxima expressão a ser analisada é *ball-and-chain*. De acordo com o *Urban Dictionary*, a expressão significa “alguém que não te deixa fazer algo ou ir a algum lugar sem ela”. No Exemplo 4, é possível observar que a definição faz muito sentido, por se tratar de um balão de oxigênio que a personagem carrega para todos os lugares, por ser essencial para sua respiração, mas é pesado e difícil de carregar.

#### Exemplo 4

| Original (GREEN, 2012)   | Tradução (GREEN, 2012)   |
|--|--|
| I was standing with my Chuck Taylors on the very edge of the curb, the oxygen tank <b>ball-and-chaining</b> in the cart by my side, and right as my mom pulled up, I felt a hand grab mine. (p. 20) [destaque nosso] | Eu estava de pé bem na pontinha do meio-fio com meu All-Star Chuck Taylors, o cilindro de oxigênio no carrinho ao meu lado <b>parecendo aquela bola de ferro que fica presa com uma corrente no tornozelo de um prisioneiro</b> , e na hora que minha mãe ia encostando o carro senti a mão dele pegar a minha. (p. 26) [destaque nosso] |

A tradutora utilizou um procedimento tradutório chamado de explicação (BARBOSA, 2008), pois não encontrou expressão correspondente em português; assim, optou por explicar os detalhes. A expressão na tradução ficou como uma “bola de ferro que fica presa com uma corrente no tornozelo de um prisioneiro”. A expressão pode ser vista em outros contextos, e no papel do tradutor é muito importante fazer uma pesquisa para observar suas possíveis interpretações.

A expressão remete a uma canção gravada por Janis Joplin chamada *Ball and Chain*. Segundo *The Rough Guide to Rock* (MCKAY, 2003, p. 91), a canção lançada em 1968 fez muito sucesso, sendo marcante na carreira da cantora. A canção não possuiu uma versão em português. Ela utiliza a expressão para explicar como está seu relacionamento amoroso; no caso, o eu lírico está se sentindo mal por seu amor querer deixá-lo.

A canção foi originalmente escrita e gravada pela cantora de blues Willie Mae “Big Mama” Thornton, no início dos anos 1960, distribuída por *Arhoolie Records*. A canção fez tanto sucesso que foi regravaada por diversos cantores, e popularizada por Janis Joplin em 1968, com o LP *Cheap Thrills* (SONGFACTS, 2016).

No exemplo 4 do livro, e na canção, a expressão possui praticamente o mesmo significado, por ser algo que prende a pessoa, torna a pessoa prisioneira; no livro, é o balão de oxigênio, e na canção, é o relacionamento amoroso do eu lírico.

| <b>Ball And Chain – Willie Mae “Big Mama” Thornton</b>  |   |
|---|---|
| <p>Yeah! Alright!</p> <p>Sittin’ down by my window,<br/>Honey, lookin’ out at the rain.<br/>Lord, Lord, Lord, sittin’ down by my window,<br/>Baby, lookin’ out at the rain.<br/>Somethin’ came along, grabbed a hold of me,<br/>And it felt just like a ball and chain.<br/>Honey, that’s exactly what it felt like,<br/>Honey, just dragging me down.</p> <p>And I say, oh, whoa, whoa, now hon’, tell me<br/>why,<br/>Why does every single little tiny thing I hold on<br/>goes wrong ?<br/>Yeah it all goes wrong, yeah.<br/>And I say, oh, whoa, whoa, now babe, tell me<br/>why,<br/>Why does every thing, every thing.<br/>Hey, here you gone today, I wanted to love<br/>you,<br/>Honey, I just wanted to hold you, I said, for so<br/>long,<br/>Yeah! Alright! Hey!</p> <p>Love’s got a hold on me, baby,<br/>Feels just like a ball and chain.<br/>Now, love’s just draggin’ me down, baby, yeah,<br/>Feels like a ball and chain.<br/>I hope there’s someone out there who could<br/>tell me<br/>Why the man I love wanna leave me in so<br/>much pain.<br/>Yeah, maybe, maybe you could help me, come<br/>on, help me!</p> <p>And I say, oh, whoa, whoa, now hon’, tell me<br/>why,<br/>Now tell me, tell me, tell me, tell me, tell me,<br/>tell me why, yeah.<br/>And I say, oh, whoa, whoa, whoa, when I ask<br/>you,<br/>When I need to know why, c’mon tell me why,<br/>hey hey hey,<br/>Here you’ve gone today,<br/>I wanted to love you and hold you</p> | <p>Till the day I die.<br/>I said whoa, whoa, whoa!!<br/>And I say oh, whoa, whoa, no honey<br/>It ain’t fair, daddy it ain’t fair what you do,<br/>I see what you’re doin’ to me and you know it ain’t<br/>fair.<br/>And I say oh, whoa whoa now baby<br/>It ain’t fair, now, now, now, what you do<br/>I said hon’ it ain’t fair what, hon’ it ain’t fair what<br/>you do.<br/>Oh, here you gone today and all I ever wanted to<br/>do<br/>Was to love you<br/>Honey an’ I think there can be nothing wrong with<br/>that,<br/>Only it ain’t wrong, no, no, no, no, no.</p> <p>Sittin’ down by my window,<br/>Lookin’ at the rain.<br/>Lord, Lord, Lord, sittin’ down by my window,<br/>Lookin’ at the rain, see the rain.<br/>Somethin’ came along, grabbed a hold of me,<br/>And it felt like a ball and chain.<br/>Oh this can’t be in vain<br/>And I’m gonna tell you one just more time, yeah,<br/>yeah!</p> <p>And I say oh, whoa whoa, now baby<br/>This can’t be, no this can’t be in vain,<br/>And I say no no no no no no no no, whoa!<br/>And I say whoa, whoa, whoa, whoa, whoa<br/>Now now now now now now now now now no no<br/>not in vain<br/>Hey, hope there is someone that could tell me<br/>Hon’, tell me why,<br/>Hon’, tell me why love is like<br/>Just like a ball<br/>Just like a ball<br/>Baaaaaaallllll<br/>Oh daddy, daddy, daddy, daddy, daddy, daddy,<br/>daddy, daddy<br/>And a chain.<br/>Yeah!</p> |

#### 4.4 Aspectos culturais

O nome *All Star* é popular no Brasil, mas no exterior as pessoas chamam o tênis de *Chuck Taylor*.

Segundo o website da Rede Globo (2014), quando Marquis M. Converse implantou a fábrica de tênis de lona *Converse Rubber Shoe Company* em Malden,

Massachusetts, em 1908, o objetivo era ser um calçado esportivo. Depois de dois anos, a empresa já fabricava mais de 4.000 sapatos por dia, e as vendas do *All Star* não paravam de crescer, até que o executivo da Converse Bob Pletz contratou o jogador de basquete da liga estudantil Charles “Chuck” Taylor para rodar os EUA e convencer técnicos e atletas a usarem o modelo preto de cano alto. Pode-se dizer que ele foi o primeiro atleta patrocinado da história, e, após algumas modificações pedidas por ele em 1920, as vendas aumentaram grandiosamente; o Sr. Converse pôs a assinatura de *Chuck* na logo do tênis, que está presente até hoje nos modelos cano alto.

### Exemplo 5

| Original (GREEN, 2012)   | Tradução (GREEN, 2012)   |
|--|--|
| I was standing with my <b>Chuck Taylors</b> on the very edge of the curb, the oxygen tank ball-and-chaining in the cart by my side, and right as my mom pulled up, I felt a hand grab mine. (p. 20) [destaque nosso] | Eu estava de pé bem na pontinha do meio-fio com meu <b>All-Star Chuck Taylors</b> , o cilindro de oxigênio no carrinho ao meu lado parecendo aquela bola de ferro que fica presa com uma corrente no tornozelo de um prisioneiro, e na hora que minha mãe ia encostando o carro senti a mão dele pegar a minha. (p. 26) [destaque nosso] |

No Exemplo 5, o nome *Chuck Taylor* está relacionado ao tênis da jovem; na tradução, o nome foi mantido como no original, com uma explicação: a palavra *All-Star*. No caso, não é indicado mudar o nome *All-Star*, pois este nome já é conhecido mundialmente. E foi adicionada uma explicação (*All-Star*) para facilitar a compreensão do termo *Chuck Taylor*, que não é tão popular no Brasil.

#### 4.4.1 Televisão

Atualmente, é difícil acreditar que a televisão era um artigo de luxo e que a imagem não passava de alguns chuveiros difíceis de decifrar, mas o tempo passou e, assim como outros meios de comunicação, a televisão se popularizou, a tecnologia evoluiu, o preço diminuiu e ela conquistou a preferência de todo mundo.

Nos Exemplos 6 e 7, será analisado um aspecto cultural da televisão: o programa *America's Next Top Model*. De acordo com o site do canal Sony de televisão (SONY), este *reality show* começou em 2003, apresentado por Tyra Banks. Foi um programa de grande audiência do UPN, canal que apresentava o programa. Em cada temporada, 10 a 14 garotas aprendizes de modelo convivem por três meses juntas em uma casa luxuosa, onde fazem provas de fotografia, passarela, vídeo, atuação e personalidade. Geralmente, uma participante é eliminada por

episódio. Durante as semanas as ganhadoras de cada desafio recebem algum prêmio, como a visita da família, joias, roupas, ou benefícios que as mantêm à frente das outras competidoras. No episódio final, as duas garotas restantes gravam um comercial para a *CoverGirl*, tiram uma foto promocional e desfilam em um *fashion show*; tudo serve de testes para os juízes anunciarem quem será a vencedora.

No Brasil, outros programas foram levemente inspirados no *reality show*, como “Batalha das Modelos”, da MTV brasileira, e “Apartamento das Modelos”, da RedeTV!

### Exemplo 6

| Original (GREEN, 2012)  | Tradução (GREEN, 2012)  |
|---|---|
| Mom: “One of the symptoms of depression is disinterest in activities.”<br>“Me: Please just let me watch <i>America`s Next Top Model</i> . It`s an activity.”<br>Mom: “Television is a passivity.” (p. 7) [destaque nosso] | Mamãe: “Um dos sintomas da depressão é a falta de interesse em participar de atividades.”<br>Eu: “Por favor, mãe, deixe eu ficar vendo <i>America`s Next Top Model</i> . Isso é uma atividade.”<br>Mamãe: “Televisão é passividade.” (p. 14) [destaque nosso] |

No Exemplo 6, a personagem principal Hazel fala sobre o programa de televisão *America`s Next Top Model*, mostrando gostar muito do programa. Segundo o *Almanaque dos Reality Shows do Brasil* (TREVIZAN, 2011), este programa já teve uma versão Brasileira, com o nome de *Brazil`s Next Top Model*; entretanto, a tradutora manteve o original, utilizando-se assim do estrangeirismo como processo tradutório (BARBOSA, 2004, p. 71), que consiste em manter o termo como no original, em inglês, em itálico. A tradução foi bem clara porque o nome em português era praticamente o mesmo do original; só foi acrescentado o nome do país.

### Exemplo 7

| Original (GREEN, 2012)   | Tradução (GREEN, 2012)  |
|--|---|
| I`m going to a movie with Augustus Water,” I said. “Please record the next several episodes of the <b>ANTM</b> marathon for me. (p. 21) [destaque nosso] | — Vou ver um filme com o Augustus Waters — falei. — Grave, por favor, os próximos episódios da maratona do <b>ANTM</b> para mim. (p. 26) [destaque nosso] |

No Exemplo 7, a tradutora manteve como no original a sigla de *America`s Next Top Model* (ANTM). No Brasil, a sigla foi *BrNTM* para *Brazil`s Next Top Model*. A escolha por parte da tradutora foi boa, pois a tradutora decidiu manter as siglas como no original em inglês.

O próximo item a ser analisado está no Exemplo 8. A expressão *Patience grasshopper* refere-se a uma fala que fez parte de uma série chamada *Kung Fu*, na

qual o jovem Kwai Chang Caine era estrelado por David Carradine, apresentada no período de 1972 até 1975 (INFANTV). O seriado se transformou em uma lenda da história da televisão. A série possuía muitas mensagens da filosofia oriental, mostradas através de problemas que Caine passava durante sua vida. Mestre Po chamava Caine de gafanhoto, e o termo acabou se tornando uma referência a “manter a calma”. (INFANTV).

No Brasil, a série foi transmitida pela Rede Globo (REDE GLOBO) em meados de 1973. A repercussão foi muito grande, tanto que foram publicados livros da série em português.

### Exemplo 8

| Original (GREEN, 2012)  | Tradução (GREEN, 2012)   |
|---|--|
| “May I see you again?” he asked. There was an endearing nervousness in his voice. I smiled. “Sure.” “Tomorrow?” he asked. “ <b>Patience, grasshopper,</b> ” I counseled. “You don’t want to seem overeager.” (p. 36) [destaque nosso] | — Podemos nos ver de novo? — perguntou, e havia um nervosismo fofo na voz dele. Sorri. — Claro. — Amanhã? — <b>Paciência, Gafanhoto</b> — aconselhei. — Assim vai parecer que você está ansioso demais. (p. 39) [destaque nosso] |

A tradutora utilizou, (BARBOSA, 2004, p. 64), a tradução palavra por palavra para a expressão, por manter a mesma ordem sintática. A tradução foi boa, pois o termo se tornou expressão em português, com a mesma construção. No exemplo, a personagem Hazel pede para que o seu amigo Gus tenha paciência para o próximo encontro deles.

## 4.5 Estilística

Em princípio, estilística é uma disciplina relacionada aos fenômenos da linguagem e tem como núcleo o estilo. O estilo é classificado por diferentes linguistas de acordo com certos critérios. De acordo com Mounin, em *Introdução à linguística* (apud MARTINS, 2008, p. 18), o estilo pode ser definido por três grupos: estilo como desvio de norma, elaboração e conotação. Conforme Nils Erik Enkvist em *Linguística e estilo* (apud MARTINS, 2008, p. 18), o estilo segue seis grupos: 1) Estilo como adição, com relação ao pensamento; 2) Como escolha, nas opções de expressão; 3) Como grupo de características individuais; 4) Como desvio da norma; 5) Como grupo de características coletivas (estilo de época); 6) Como resultado de relacionamento entre grupos linguísticos formuláveis em vocabulários de textos mais abrangentes que o período.

Esses critérios são muito abrangentes; assim, as características individuais podem incluir desvio de norma, elaboração, escolha, conotação, o que por conseguinte mostra a dificuldade de classificação do estilo. A estilística abrange muitos temas relacionados a língua, tais como gírias, formalidade, informalidade, onomatopeias. Abaixo serão analisados alguns exemplos.

#### 4.5.1 **Gírias**

Em concordância com Martins (2008, p. 117), a língua passa por diversas transformações no decorrer do tempo, várias palavras são incorporadas ao léxico por diferentes formas, passando a fazer parte da comunicação dos falantes de um determinado grupo. Nesse processo de criação de novas palavras, as gírias merecem destaque, por serem um exemplo de neologismo semântico.

Neologismo semântico, para Martins (2008, p. 117), é caracterizado por modificar o significado da linguagem formal. Para exemplificar esse termo, tem-se o vocábulo “pizza”, que tradicionalmente está relacionado à massa italiana de conhecimento mundial; entretanto, na frase “A CPI do mensalão terminou em *pizza*”, é possível observar que o vocábulo “pizza” não recebeu o mesmo significado da frase anterior. Assim analisado, esse vocábulo recebeu novo sentido, pois está vinculado à falta de solução por conta dos escândalos que estão sendo investigados no Brasil. Outro exemplo de neologismo semântico são as gírias, pois, em alguns casos, elas dão um novo significado ao vocábulo usado anteriormente na língua.

As gírias aparecem de acordo com o grupo social de uma época e são incorporadas à linguagem informal de diferentes camadas sociais. É de grande valia destacar que as gírias não sofrem evolução; muitas das vezes, aparecem e somem com o decorrer do tempo. Um exemplo é o vocábulo “broto”, que foi usado para identificar jovens bonitas por muito tempo, e hoje não é usado pelos jovens; praticamente não se escuta mais.

Nos exemplos a seguir, algumas gírias usadas pelas personagens do livro foram identificadas e analisadas em relação à tradução.

### Exemplo 9

| Original (GREEN, 2012)   | Tradução (GREEN, 2012)  |
|--|---|
| Mom wasn't there yet, which was unusual, because mom was almost always waiting for me. I glanced around and saw that a tall, <b>curvy</b> brunette girl had Isaac pinned against the stone wall of the church, kissing him rather aggressively. (p. 18) [destaque nosso] | Mamãe não tinha chegado ainda, o que era estranho, porque ela quase sempre estava lá esperando por mim. Olhei em volta e vi que uma garota alta, morena e <b>boazuda</b> imprensava o Isaac na parede de pedra da igreja, beijando o menino de um jeito quase agressivo. (p. 24) [destaque nosso] |

No Exemplo 9, a expressão *curvy* foi traduzida por “boazuda”. De acordo com o *Urban Dictionary*, a palavra *curvy* define um tipo de corpo atraente, saudável; entretanto, atualmente está sendo utilizada para alguém acima do peso, para que as mulheres não se sintam ofendidas, sendo chamadas de gordas. Também é usada para corpo de violão, ou violino.

A tradutora adaptou a palavra *curvy* para uma expressão típica do português e procurou uma palavra equivalente, no caso “boazuda”. A tradutora teve que pesquisar como seria uma mulher atraente em português. Pode-se dizer que ficou bem claro. No caso, a personagem Hazel está descrevendo a namorada de Isaac.

### Exemplo 10

| Original (GREEN, 2012)  | Tradução (GREEN, 2012)   |
|---|--|
| Once we got around the circle, Patrick always asked if anyone wanted to share. And then began the circle <b>jerk of</b> support: everyone talking about fighting and battling and winning and shrinking and scanning. (p. 5) [destaque nosso] | Depois do último da roda, o Patrick sempre perguntava se alguém queria se abrir. E aí começava a <b>punheta</b> grupal de apoio mútuo: todo mundo falando de lutar, combater, vencer, remitir e examinar. (p. 13) [destaque nosso] |

No Exemplo 10, a gíria *jerk of* foi traduzida por “punheta”. De acordo com o *Urban Dictionary*, essa palavra poderia ser traduzida por “idiota”. A tradutora usou a adaptação para que a palavra fizesse sentido na situação. No exemplo, a personagem está descrevendo como seu grupo de apoio a jovens com câncer a desagradava; por esta razão, a escolha de palavra exerceu clareza.

Alguns leitores podem reagir mal à escolha da palavra; por outro lado, ela não dificultou o entendimento, pois o sentido da palavra não se distancia daquele do original. Caso a tradutora utilizasse algo como “começou a chatice” ou “começou a porcária”, o sentido seria o mesmo, mas num nível de fala mais neutro. Com “punheta”, o nível de fala passa ao informal, a uma gíria que tende ao chulo.

**Exemplo 11**

| Original (GREEN, 2012)   | Tradução (GREEN, 2012)  |
|--|---|
| " <b>Goddamn</b> ," Augustus said quietly. "Aren't you something else." (p. 13) [destaque nosso] | — <b>Caramba!</b> — disse ele baixinho. — Não é que você é mesmo demais? (p. 20) [destaque nosso] |

No Exemplo 11, a gíria *Goddamn* foi traduzida pela interjeição "Caramba". De acordo com o *Urban Dictionary*, *Goddamn* demonstra algo surpreendente, grande; deste modo, faz todo o sentido, pois o personagem Gus está assustado por Hazel ser boa até demais. A tradutora utilizou-se do procedimento de equivalência, com o qual foi possível encontrar a interjeição "caramba", que descrevesse bem a gíria *Goddamn*. Mesmo que a classe de palavras seja diferente (uma gíria e a outra interjeição), isso não interferiu na tradução.

**Exemplo 12**

| Original (GREEN, 2012)  | Tradução (GREEN, 2012)  |
|---|---|
| I went to Support Group for the same reason that I'd once allowed nurses with a mere eighteen months of graduate education to poison me with exotically named chemicals: I wanted to make my parents happy. There is only one thing in this world <b>shittier</b> than biting it from cancer when you're sixteen, and that's having a kid who bites it from cancer. (p. 8) [destaque nosso] | la ao Grupo de Apoio pelo mesmo motivo que uma vez deixei enfermeiras com um ano e meio de faculdade me envenenarem com substâncias químicas de nomes exóticos: queria fazer meus pais felizes. Só tem uma coisa <b>pio</b> r nesse mundo que bater as botas aos dezesseis anos por causa de um câncer: ter um filho que bate as botas por causa de um câncer. (p. 14) [destaque nosso] |

No Exemplo 12, a gíria *shittier* foi traduzida por "pior". Segundo o *Urban Dictionary*, a palavra está relacionada a algo ruim; deste modo, a tradução corresponde ao original, possui clareza. A tradutora utilizou um procedimento (BARBOSA, 2008, p. 67) chamado de equivalência, por uma palavra corresponder a outra em línguas diferentes. No exemplo, a personagem está descrevendo um momento, pelo qual achou que ia morrer.

Nos Exemplos 13, 14 e 15, a palavra *suck* teve três interpretações:

**Exemplo 13**

| Original (GREEN, 2012)  | Tradução (GREEN, 2012)  |
|---|---|
| The cylindrical green tank only weighed a few pounds, and I had this little steel cart to wheel it around behind me. It delivered two liters of oxygen to me each minute through a cannula, a transparent tube that split just beneath my neck, wrapped behind my ears, and then reunited in my nostrils. The contraption was necessary because my lungs <b>sucked</b> at being lungs. (p. 20) [destaque nosso] | O cilindro verde só pesava uns poucos quilos e eu tinha um carrinho de aço para transportá-lo. Aquilo me fornecia dois litros de oxigênio por minuto através de uma cânula, um tubo transparente que se dividia bem embaixo do meu pescoço, passava por trás das orelhas e se juntava de novo nas narinas. A geringonça era necessária porque meus pulmões faziam um <b>péssimo</b> trabalho como pulmões. (p. 25) [destaque nosso] |

**Exemplo 14**

| Original (GREEN, 2012)   | Tradução (GREEN, 2012)  |
|--|---|
| Oh, my God. Let me just assure you that not being able to breathe? <b>SUCKS</b> . Totally disappointing. Totally. (p. 20) [destaque nosso] | Ai, meu Deus. Deixe eu só dizer para você como é não conseguir respirar? <b>É UM INFERNO</b> . Totalmente decepcionante. Totalmente. (p. 25) [destaque nosso] |

**Exemplo 15**

| Original (GREEN, 2012)   | Tradução (GREEN, 2012)  |
|--|---|
| I have to get surgery in a couple weeks, after which I'll be blind. Not to complain or anything because I know a lot of us have it worse, but yeah, I mean, being blind does <b>sort of suck</b> . My girlfriend helps, though. (p. 10) [destaque nosso] | Parece que vou precisar ser operado em duas semanas, depois vou ficar cego. Não estou reclamando nem nada porque sei que poderia ser pior, como no caso de alguns aqui, mas, quer dizer, ficar cego é, tipo, <b>uma droga</b> . Ter uma namorada me ajuda. (p. 17) [destaque nosso] |

No Exemplo 13, a gíria *sucked* foi traduzida por “péssimo”. Segundo o *Urban Dictionary*, a palavra significa algo ruim; deste modo fez todo o sentido na tradução, já que a tradutora utilizou uma palavra que fizesse o mesmo sentido. No trecho, a personagem Hazel está comentando sobre o funcionamento de seus pulmões.

No Exemplo 14, a gíria *SUCKS* foi traduzida por “É UM INFERNO”. Por significar algo ruim, como mencionado anteriormente, a tradução condiz com o original, e ainda foi escolhida uma gíria usada normalmente no português. No exemplo, a personagem expressa quão ruim é não conseguir respirar. É importante ressaltar que a tradutora respeitou a capitalização das palavras, o que é de grande importância.

No Exemplo 15, a gíria *sort of suck* foi traduzido por “uma droga”. A personagem está comentando quão ruim é não enxergar. A escolha de palavras por parte da tradutora demonstrou clareza para o fato; foi uma boa escolha, pois é normal ouvir as pessoas dizendo a gíria “droga” para algo ruim, difícil.

Os Exemplos 13, 14 e 15 referem-se a algo ruim. Ao observar que ocorreram três exemplos com a mesma gíria, é possível observar que em inglês é comum usar a palavra *suck*. A tradutora escolheu uma expressão diferente para a palavra em cada situação, o que não foi um problema, pois as mesmas palavras podem expressar diferentes sentimentos e sentidos. A tradutora procurou uma expressão que coincidissem; e o mesmo foi aplicado nos três casos.

**Exemplo 16**

| Original (GREEN, 2012)  | Tradução (GREEN, 2012)   |
|---|--|
| “You choose your behaviors based on their metaphorical resonances . . .” I said.<br>“Oh, yes.” He smiled. The big, <b>goofy</b> , real smile.<br>“I’m a big believer in metaphor, Hazel Grace.”<br>(p. 21) [destaque nosso] | — Você determina seu comportamento com base nas ressonâncias metafóricas...<br>— Ah, é. — Ele sorriu. O sorriso largo, meio <b>bobo</b> e sincero. — Sou um grande adepto da metáfora, Hazel Grace. (p. 26) [destaque nosso] |

No Exemplo 16, a gíria *goofy* foi traduzida por “bobo”. De acordo com o *Urban Dictionary*, a gíria remete a um personagem da Disney, o Pateta, e as características seriam como aquelas do personagem: estranho, ou bobo. A tradução foi coerente, ao descrever o sorriso do personagem Gus. A tradutora utilizou o procedimento conhecido como equivalência, pois as palavras correspondem uma com à outra.

Os próximos Exemplos, 17 e 18, contêm palavras que possuem o mesmo significado, mesmo que o exemplo 17 seja *balls* (traduzido por “bolas”) e o exemplo 18 seja *nuts* (traduzido por “testículos”); no fim, têm o mesmo sentido concreto e podem ser compreendidas das duas formas.

**Exemplo 17**

| Original (GREEN, 2012)   | Tradução (GREEN, 2012)   |
|--|--|
| So here`s how it went in God`s heart: The six or seven or ten of us walked/ wheeled in, grazed at a decrepit selection of cookies and lemonade, sat down in the Circle of Trust, and listened to Patrick recount for the thousandth time his depressingly miserable life story – how he had cancer in his <b>balls</b> and they thought he was going to die and now here he is, a full-grown adult in a church basement in the 137 <sup>th</sup> nicest city in America, divorced, addicted to video games, mostly friendless, eking out a meager living by exploiting his concertastic past, [...]. (p. 4) [destaque nosso] | Bem, era assim que acontecia no coração do Senhor: os seis ou sete ou dez de nós chegávamos lá a pé/de cadeira de rodas, comíamos um pouco daqueles biscoitos velhos com limonada, sentávamos na Roda da Esperança e ouvíamos o Patrick contar pela milésima vez a história ultradepremente e superinfeliz da sua vida — sobre ter tido câncer nas <b>bolas</b> e acharem que ele ia morrer, mas não morreu, e ali estava, já adulto, no porão de uma igreja na 137a cidade mais linda dos Estados Unidos, divorciado, viciado em videogames, quase sem amigos, levando uma vida sem graça explorando seu fantástico passado com câncer, [...]. (p. 12) [destaque nosso] |

**Exemplo 18**

| Original (GREEN, 2012)  | Tradução (GREEN, 2012)   |
|---|--|
| <p>[...] — how he had cancer in his balls and they thought he was going to die and now here he is, a full-grown adult in a church basement in the 137<sup>th</sup> nicest city in America, divorced, addicted to video games, mostly friendless, eking out a meager living by exploiting his concertastic past, slowly working his way toward a master`s degree that will not improve his career prospects, waiting, as we all do, for the sword of Damocles to give him the relief that he escaped lo those many years ago when cancer took both of his <b>nuts</b> but spared what only the most generous soul would call his life. (p. 4) [destaque nosso]</p> | <p>[...] — sobre ter tido câncer nas bolas e acharem que ele ia morrer, mas não morreu, e ali estava, já adulto, no porão de uma igreja na 137a cidade mais linda dos Estados Unidos, divorciado, viciado em videogames, quase sem amigos, levando uma vida sem graça explorando seu fantástico passado com câncer, ralando para terminar um mestrado que não vai melhorar sua perspectiva de progresso na carreira e esperando, como todos nós, que a espada de Dâmocles traga para ele o alívio do qual escapou muitos anos atrás, quando o câncer levou seus <b>testículos</b> e lhe deixou algo que só a alma mais generosa poderia chamar de vida. (p. 12) [destaque nosso]</p> |

No Exemplo 17, *balls* foi traduzido por “bolas”. Segundo o *Urban Dictionary*, a palavra se refere aos testículos; por ser uma gíria, a tradução fez sentido, já que é comum as pessoas chamarem testículos de “bolas”, na informalidade do discurso. No trecho, a personagem Hazel, que narra a história, comenta onde fica o câncer do líder do grupo. A tradutora utilizou um procedimento chamado de tradução literal, (BARBOSA, 2008, p. 65), pois a escolha de palavra teve como base a sua forma original, sem nenhuma alteração.

No Exemplo 18, *nuts* foi traduzido por “testículos”. Em concordância com o *Urban Dictionary*, a palavra *nuts*, entre seus diferentes exemplos, significa “testículos”. A palavra *nuts*, por ser uma gíria, poderia ser traduzida como no exemplo 17 por “bolas”; por outro lado, a tradutora não se distanciou do original ao fazer a escolha da palavra. No exemplo, a personagem descreve o câncer do seu líder de grupo e o que aconteceu com ele.

Os Exemplos 17 e 18 falam da mesma coisa, porém com duas palavras diferentes, *balls* e *nuts*, no original. A tradutora escolheu usar duas palavras distintas também, “bolas” e “testículos”; usando palavras iguais ou distintas, a tradução manteria o mesmo significado, e as escolhas mostraram clareza.

#### 4.5.2 *Formalidade e Informalidade*

*Grosso modo*, a informalidade está relacionada à fala e a formalidade à escrita, mas não é bem assim: ambas existem tanto na língua falada quanto na escrita. Segundo Lins (2005), a formalidade da língua reveste a importância do letramento, na medida em que o texto formal está relacionado a escritas acadêmicas, profissionais ou outro contexto. Esse tipo de linguagem apresenta um pouco de dificuldade para os aprendizes mais novos, por requerer uma familiarização com o padrão da língua escrita. A informalidade reveste a escrita de um recado, uma carta pessoal, uma crônica humorística, um “causo”, pois possui características de uma conversa.

Os exemplos a seguir ilustram o discurso informal e um discurso menos informal.

#### Exemplo 19

| Original (GREEN, 2012)  | Tradução (GREEN, 2012)  |
|---|---|
| In fact, on the Wednesday I made the acquaintance of Augustus Waters, I tried my level best to <b>get out</b> of Support Group while sitting on the couch with my mom in the third leg of a twelve-hour marathon of the previous season's <i>America's Next Top Model</i> , which admittedly I had already seen, but still. (p. 6) [destaque nosso] | Na verdade, na quarta-feira em que conheci o Augustus Waters, tinha feito de tudo para <b>me livrar</b> da ida à sessão de grupo enquanto estava sentada no sofá com a mamãe, no meio da terceira parte da maratona de doze horas da temporada anterior de <i>America's Next Top Model</i> , que, confesso, já tinha visto, mas mesmo assim [...]. (p. 14) [destaque nosso] |

#### Exemplo 20

| Original (GREEN, 2012)  | Tradução (GREEN, 2012)   |
|---|--|
| The Support Group, of course, was <b>depressing as hell</b> . (p. 4) [destaque nosso] | O Grupo de Apoio era <b>megadeprimente</b> , óbvio. (p. 12) [destaque nosso] |

Os Exemplos 19 e 20 foram traduzidos por expressões informais. No Exemplo 19, a tradutora traduziu a expressão *get out* por “me livrar”, essa expressão é utilizada normalmente no discurso informal quando a pessoa não quer fazer determinada coisa. A personagem comenta que não gostaria de ir à reunião de apoio.

No Exemplo 20, a tradutora traduziu a expressão *depressing as hell* por “megadeprimente”; a construção é típica dos jovens e possui clareza para a situação. A personagem está comentando como era o Grupo de Apoio do qual

participava. A tradutora procurou uma expressão equivalente na língua de chegada. A escolha foi satisfatória, pois é possível entender bem os fatos.

### Exemplo 21

| Original (GREEN, 2012)  | Tradução (GREEN, 2012)   |
|---|--|
| He walked past me, his shoulders filling out his green knit polo shirt, his back straight, his steps liltng just slightly to the right as he walked steady and confident on what I had <b>determined</b> was a prosthetic leg. (p. 18) [destaque nosso] | E passou por mim, os ombros dando forma à camisa polo verde, as costas retas, os passos da direita um pouco mais marcantes enquanto andava firme e confiante apoiado no que eu <b>determinei</b> ser uma prótese. (p. 24) [destaque nosso] |

### Exemplo 22

| Original (GREEN, 2012)  | Tradução (GREEN, 2012)  |
|---|---|
| Let me just assure you that not being able to breathe? SUCKS.<br><b>Totally</b> disappointing. <b>Totally</b> . (p.20) [destaque nosso] | Deixe eu só dizer para você como é não conseguir respirar? É UM INFERNO.<br><b>Totalmente</b> decepcionante. <b>Totalmente</b> . (p. 25) [destaque nosso] |

### Exemplo 23

| Original (GREEN, 2012)   | Tradução (GREEN, 2012)  |
|--|---|
| Then we introduced ourselves: Name. Age. Diagnosis. And how we`re doing today. I`m <b>Hazel</b> , I`d say when they`d get to me. Sixteen. Thyroid originally but with an impressive and long-settled satellite colony in my lungs. I`m doing okay. (p. 5) [destaque nosso] | Aí nós nos apresentávamos: Nome. Idade. Diagnóstico. E como estávamos no dia. <b>Meu nome é Hazel</b> , dizia na minha vez. Dezesesseis. Tireoide, originalmente, mas com uma respeitável colônia satélite há muito tempo instalada nos pulmões. E está tudo bem comigo. (p. 12) [destaque nosso] |

No Exemplo 21, a tradutora utilizou-se de um discurso menos informal. A tradução de *determined* foi literal, ou seja, respeitou a morfologia e a semântica original da palavra *determined* (BARBOSA, 2008, p. 66); foi traduzida por “determinei”; mesmo que esteja bem fiel ao original, a tradutora poderia aproximar essa fala um pouco mais do leitor, por se tratar de dois personagens adolescentes conversando. Uma sugestão seria “acreditei ser uma prótese”; por outro lado, ficou clara a situação.

No Exemplo 22, a tradutora traduziu *Totally* por “Totalmente”. Não está incorreto, porque é uma gíria; por outro lado, os jovens não costumam falar com muita frequência “totalmente”. Poderia ser substituída por “muito” ou “com certeza”, para caracterizar um discurso um pouco mais informal; entretanto, foi uma boa tradução, pois respeitou a fala dos personagens como no original.

No Exemplo 23, *I`m Hazel* foi traduzido por “Meu nome é Hazel”. A tradutora poderia ter utilizado “Eu sou (a) Hazel”, mas é apenas uma sugestão, pois a tradução foi satisfatória.

#### 4.5.3 *Interjeição*

A interjeição está vinculada ao campo das emoções e sensações (REBELLO, 2016, p. 11) e também pode demonstrar que se quer algo, que se sabe de algo ou se quer que alguém faça algo. Por exemplo, quando se deseja transmitir alegria, pode-se usar “Oba!”. Por outro lado, quando se quer mostrar que se descobriu algo, diz-se “Arrá!”; quando se deseja expressar o desejo de que algo aconteça, “Tomara!”.

Outras interjeições podem ser específicas de algumas culturas, como “Tchê” e “Uai!”, que podem ser identificadas como próprias dos falantes do Rio Grande do Sul e do estado de Minas Gerais, respectivamente.

Nos exemplos a seguir, as personagens utilizam diferentes interjeições para afirmar, discordar e surpreender-se.

#### Exemplo 24

| Original (GREEN, 2012)   | Tradução (GREEN, 2012)  |
|--|---|
| Mom: “Television is a passivity.”<br>Me: “ <b>Ugh</b> , Mom, please.”<br>Mom: “Hazel, you`re a teenager. You`re not a little kid anymore. You need to make friends, get out of the house, and live your life.” (p. 7) [destaque nosso] | Mamãe: “Televisão é passividade.”<br>Eu: “ <b>Pô</b> , mãe, por favor...”<br>Mamãe: “Hazel, você já é adolescente. Não é mais criancinha. Precisa fazer amigos, sair de casa, viver sua vida.” (p. 14) [destaque nosso] |

No Exemplo 24, a personagem Hazel conversa com sua mãe sobre ficar em casa assistindo à televisão; conclui-se que ela discorda da ideia da mãe. Pode-se observar que a interjeição *Ugh* (TAHD) foi traduzida pela interjeição “Pô” (ABL). *Ugh* e “Pô” são utilizadas para exclamações. A tradutora foi correta ao adaptar, pois a situação ficou clara e a tradução manteve a classificação da palavra, no caso interjeição.

#### Exemplo 25

| Original (GREEN, 2012)   | Tradução (GREEN, 2012)   |
|--|--|
| Mom: “You`re going to Support Group.”<br>Me: “ <b>UGGGGGGGGGG</b> ”<br>Mom: “Hazel, you deserve a life.” (p. 7) [destaque nosso] | Mamãe: “Você vai para o Grupo de Apoio.”<br>Eu: “ <b>SAAAAAAACO</b> .”<br>Mamãe: “Hazel, você merece uma vida.” (p. 14) [destaque nosso] |

No Exemplo 25, a personagem discorda da mãe em relação a ir ao Grupo de Apoio; no original, tem-se a interjeição *Ug* que, ao sofrer um prolongamento, formou *UGGGGGGGGGGG* na pronúncia em inglês, embora seja a letra “g” que está repetida graficamente, é o som /ʌ/ que se prolonga. Esta interjeição é utilizada para exclamações. Ao ser traduzida, a palavra “saco” teve um prolongamento de vogal, que ocorre normalmente quando se altera o tom da voz, “SAAAAAAACO”, que é a interjeição original com a vogal /a/ alongada. O “a” em interjeições, traduz sons fortes, nítidos, e reforça a impressão do som das consoantes que acompanham a vogal (MARTINS, 2008, p. 49). A tradutora utilizou o mesmo recurso na tradução.

### Exemplo 26

| Original (GREEN, 2012)   | Tradução (GREEN, 2012)   |
|--|--|
| <p>“And how are you feeling?” asked Patrick.<br/> <b>“Oh</b>, I’m grand.” Augustus Waters smiled with a corner of his mouth. “I’m on a roller coaster that only goes up, my friend.”<br/>           (p. 11) [destaque nosso]</p> | <p>— E como está se sentindo? — o Patrick perguntou.<br/>           — <b>Ah</b>, maravilha. — Augustus Waters deu um sorrisinho. — Estou numa montanha-russa que só vai para cima, amigão.<br/>           (p. 18) [destaque nosso]</p> |

No Exemplo 26, a personagem utilizou a interjeição *Oh* para expressar quão bem ele está. Em português, foi traduzido também pela interjeição “Ah”, que demonstra surpresa, descoberta. A escolha de palavras está correta, até porque as duas estão na mesma classe de palavras, no caso, interjeição.

## 4.6 Casos particulares

O Grupo de Apoio é uma reunião em que os membros partilham experiências sobre o desenvolvimento da doença. A personagem Hazel participava de um grupo de apoio a adolescentes com câncer. Em uma dessas reuniões, ela conheceu Gus, seu par romântico no livro.

O termo *Support Group* foi traduzido em diferentes situações de formas diversas.

### Exemplo 27

| Original (GREEN, 2012)  | Tradução (GREEN, 2012)   |
|---|--|
| <p><b>This Support Group</b> featured a rotating cast of characters in various states of tumor-driven unwellness. (p. 4) [destaque nosso]</p> | <p><b>O grupo</b> era formado por um elenco rotativo de pessoas com várias questões psicológicas desencadeadas pelos tumores. (p. 11) [destaque nosso]</p> |

**Exemplo 28**

| Original (GREEN, 2012)  | Tradução (GREEN, 2012)  |
|---|---|
| In fact, on the Wednesday I made the acquaintance of Augustus Waters, I tried my level best to get out of <b>Support Group</b> while sitting on the couch with my mom in the third leg of a twelve-hour marathon of the previous season's <i>America's Next Top Model</i> , which admittedly I had already seen, but still. (p. 6) [destaque nosso] | Na verdade, na quarta-feira em que conheci o Augustus Waters, tinha feito de tudo para me livrar da ida à <b>sessão de grupo</b> enquanto estava sentada no sofá com a mamãe, no meio da terceira parte da maratona de doze horas da temporada anterior de <i>America's Next Top Model</i> , que, confesso, já tinha visto, mas mesmo assim... (p. 13) [destaque nosso] |

**Exemplo 29**

| Original (GREEN, 2012)   | Tradução (GREEN, 2012)   |
|--|--|
| <b>The Support Group</b> , of course, was depressing as hell. It met every Wednesday in the basement of a stone-walled Episcopal church shaped like a cross. (p. 4) [destaque nosso] | <b>O Grupo de Apoio</b> era megadeprimente, óbvio. A reunião acontecia toda quarta-feira no porão de uma igreja episcopal — uma construção no formato de cruz com paredes de pedra. (p. 11) [destaque nosso] |

**Exemplo 30**

| Original (GREEN, 2012)   | Tradução (GREEN, 2012)   |
|--|--|
| <b>So Support Group</b> blew, and after a few weeks, I grew to be rather kicking-and-screaming about the whole affair. (p. 6) [destaque nosso] | Então o <b>Grupo de Apoio</b> deu o que tinha de dar, e depois de algumas semanas eu passei a surtar quando tocavam no assunto. (p. 13) [destaque nosso] |

Nos Exemplos 27 e 28, é possível observar que a tradutora utilizou dois termos diferentes para o mesmo *Support Group*. Outro ponto importante a resaltar é que a tradutora não manteve a capitalização das palavras nestes exemplos, como ocorre no original. A capitalização é importante, por se tratar de um termo específico e de muita importância para a história; contudo, isso não foi respeitado. No exemplo 27, a personagem explica um pouco como funcionava o grupo. No exemplo 28, Hazel descreve uma situação na qual não queria ir ao grupo de apoio.

Por outro lado, nos Exemplos 29 e 30, a tradutora manteve os termos como no original, tanto a tradução quanto a capitalização. Poderia ter sido assim durante todo o livro; por outro lado, não atrapalhou a compreensão da história. Nos exemplos 29 e 30, Hazel descreve um pouco como são as reuniões, para ela deprimentes, e que ela não aguentava mais nem sequer ouvir este nome.

**Exemplo 31**

| Original (GREEN, 2012)   | Tradução (GREEN, 2012)  |
|--|---|
| <p>"I'm not sure I agree," I said. "I suspect Cancer Perk." Cancer Perks are the little things cancer kids get that regular kids don't: basketballs signed by sports heroes, free passes on late homework, unearned driver's licenses, etc.</p> <p><b>"Yeah,"</b> he said. The light turned green. I braced myself. Augustus slammed the gas. (p. 23) [destaque nosso]</p> | <p>Os "privilégios do câncer" são pequenas coisas que as crianças com a doença recebem e as saudáveis, não: bolas de basquete autografadas por ídolos do esporte, perdão pelo atraso na entrega do dever de casa, carteiras de motorista não merecidas etc.</p> <p>— <b>É</b> — ele disse. O sinal ficou verde. Segurei firme no banco. O Augustus meteu o pé no acelerador. (p. 28) [destaque nosso]</p> |

**Exemplo 32**

| Original (GREEN, 2012)   | Tradução (GREEN, 2012)   |
|--|--|
| <p>"You know they've got hand controls for people who can't use their legs," I pointed out.</p> <p><b>"Yeah,"</b> he said. "Maybe someday." He sighed in a way that made me wonder whether he was confident about the existence of someday. (p. 23) [destaque nosso]</p> | <p>— Você sabe que existem controles manuais para pessoas que não podem dirigir usando os pedais? — perguntei.</p> <p>— <b>Sei</b> — ele respondeu. — Quem sabe algum dia? E suspirou de um jeito que me fez pensar se ele achava que esse algum dia ia chegar. (p. 28) [destaque nosso]</p> |

**Exemplo 33**

| Original (GREEN, 2012)   | Tradução (GREEN, 2012)  |
|--|---|
| <p>"So, are you in school?" Generally, your parents pull you out of school at some point if they expect you to bite it.</p> <p><b>"Yeah,"</b> he said. "I'm at North Central. A year behind, though: I'm a sophomore. You?" (p. 23) [destaque nosso]</p> | <p>— Então, você estuda? Normalmente seus pais tiram você da escola quando já estão esperando que bata as botas.</p> <p>— <b>Estudo</b> — ele respondeu. — Na North Central. Mas estou atrasado um ano, dei uma parada no segundo. E você? (p. 28) [destaque nosso]</p> |

Nos Exemplos 31, 32 e 33, a interjeição *Yeah* foi traduzida de diferentes formas. Essa expressão foi utilizada para responder diferentes perguntas no original. Por ser uma palavra polivalente, ela pode ser usada em diferentes situações exercendo diferentes funções.

No exemplo 31, a tradução foi "É"; Gus utilizou este verbo para concordar com os privilégios do câncer. No exemplo 32, a tradução foi "Sei"; Gus usou o verbo para responder a pergunta de Hazel sobre pedais. No exemplo 33, a tradução foi "Estudo"; Hazel pergunta para Gus sobre sua vida acadêmica.

A tradutora adaptou, pois no original, ao responder com a interjeição "Yeah", a personagem demonstra concordar com o que foi dito anteriormente. A escolha da tradutora foi utilizar verbos para obter o mesmo impacto do original.

**Exemplo 34**

| Original (GREEN, 2012)  | Tradução (GREEN, 2012)   |
|---|--|
| I looked away, suddenly conscious of my myriad insufficiencies. I was wearing old jeans, which had once been tight but now sagged in weird places, a yellow T-shirt advertising a band I didn't even like anymore. Also my hair: I had this pageboy haircut, I hadn't even bothered to, <b>like</b> , brush it. (p. 9) [destaque nosso] | Desviei o olhar, repentinamente consciente da quantidade infinita de coisas erradas em mim. Eu estava com uma calça jeans velha, que algum dia foi justa mas que agora ficava folgada nos lugares mais estranhos, e uma camiseta de malha amarela com o nome de uma banda da qual eu nem gostava mais. Tinha também meu cabelo: cortado tipo Príncipe Valente, e eu nem tive a preocupação de, <b>puxa</b> , dar uma escovada nele. (p. 16) [destaque nosso] |

**Exemplo 35**

| Original (GREEN, 2012)   | Tradução (GREEN, 2012)  |
|--|---|
| "You're <b>like</b> a millennial Natalie Portman. <b>Like</b> <i>V for Vendetta</i> Natalie Portman."<br>"Never seen it," I said.<br>"Really?" he asked. "Pixie-haired gorgeous girl dislikes authority and can't help but fall for a boy she knows is trouble. It's your autobiography, so far as I can tell." (p. 17) [destaque nosso] | — Você é <b>tipo</b> uma Natalie Portman milenar. <b>Tipo</b> a Natalie Portman em <i>V de Vingança</i> .<br>— Não vi esse filme — falei.<br>— Sério? — ele perguntou. — Garota linda, de cabelo curto, rejeita a autoridade e não consegue resistir a um cara que ela sabe que vai ser um problema. É sua autobiografia, pelo menos até aqui, pelo que posso ver. (p. 22) [destaque nosso] |

Nos Exemplos 34 e 35, a palavra *like* foi traduzida de duas formas diferentes. No Exemplo 34 pela gíria “puxa”, e no Exemplo 35 por “tipo”. Mesmo sendo a mesma palavra no original, ela teve diferentes traduções.

No Exemplo 34, a tradutora utilizou a gíria “puxa” ao comentar sobre o cabelo da personagem Hazel; caso a tradutora utilizasse a palavra “tipo”, como no exemplo 35, continuaria fazendo sentido. A gíria “tipo” é muito similar a “puxa”; escolhida para o exemplo; por outro lado, a escolha da palavra ficou bem compreensível.

No Exemplo 35 a tradutora utilizou o procedimento de tradução literal, respeitando a semântica da palavra. Poderia ser traduzido também por “como”; por outro lado, essa escolha de tradução realmente foi a mais clara. No caso, Gus está dizendo que Hazel parece uma atriz de cinema.

A tradutora optou por não traduzir *like* por uma mesma palavra em todo o livro; a expressão ficou compreensível, pois nem sempre é possível manter a mesma tradução em todos os casos. Por outro lado poderiam surgir problemas em relação a isto, tais como não manter um padrão, ou dar margem a diferentes interpretações. A escolha das palavras é de extrema importância para manter a harmonia entre o original e a tradução. É importante a escolha de palavras ao longo de toda a tradução.

**Exemplo 36**

| Original (GREEN, 2012)  | Tradução (GREEN, 2012)   |
|---|--|
| But my mom believed I required treatment, so she took me to see <b>my Regular Doctor Jim</b> , who agreed that I was veritably swimming in a paralyzing and totally clinical depression, and that therefore my meds should be adjusted and also I should attend a weekly Support Group. (p. 4) [destaque nosso] | Mas a mamãe achava que eu precisava de tratamento, então me levou ao <b>meu médico comum, o Jim</b> , que concordou que eu, de fato, estava nadando numa depressão paralisante e totalmente clínica e, portanto, ele ia trocar meus remédios e, além disso, eu teria que frequentar um Grupo de Apoio uma vez por semana. (p. 11) [destaque nosso] |

**Exemplo 37**

| Original (GREEN, 2012)  | Tradução (GREEN, 2012)   |
|---|--|
| Lida was sixteen, and pretty enough to be the object of the hot boy's eye. She was a <b>regular</b> — in a long remission from appendiceal cancer, which I had not previously known existed. (p. 11) [destaque nosso] | A Lida tinha dezesseis anos e era bonita o suficiente para ser alvo do olhar do cara gato. Era <b>frequentadora assídua das reuniões</b> — estava em um longo período de remissão de um câncer de apêndice, que eu nem sabia que existia. (p. 17) [destaque nosso] |

**Exemplo 38**

| Original (GREEN, 2012)  | Tradução (GREEN, 2012)   |
|---|--|
| Cancer Perks are the little things cancer kids get that <b>regular</b> kids don't: [...]. (p.23) [destaque nosso] | "Os privilégios do câncer' são pequenas coisas que as crianças com a doença recebem e as <b>saudáveis</b> , não: [...]. (p. 28) [destaque nosso] |

Nos Exemplos 36, 37 e 38, a palavra *regular* foi traduzida de diferentes formas. No exemplo 36, pela palavra “comum”; no exemplo 37, por “frequentadora assídua das reuniões”; e no exemplo 38, por “saudáveis”. A tradutora não manteve a mesma tradução em todos os trechos.

No Exemplo 36, ao ser traduzido por “meu médico comum”, a tradução não soou muito natural; ela poderia utilizar “meu médico”, por exemplo. Por outro lado, ficou compreensível. A personagem está descrevendo um fato que ocorreu em uma visita ao seu médico.

No Exemplo 37, a tradutora explicou o que seria a palavra *regular*, para trazer uma melhor compreensão. No caso, a personagem Hazel está descrevendo Lida, outra jovem do grupo.

No Exemplo 38, a tradutora procurou uma palavra correspondente na língua de chegada para comentar sobre as crianças. Este procedimento é chamado de equivalência (BARBOSA, 2008, p. 67), e a tradução foi bem clara.

Mesmo que não tenham sido utilizadas as mesmas palavras para todos os exemplos, a compreensão das situações foi possível e clara, pois é normal na tradução fazer alterações sempre que necessárias.

**Exemplo 39**

| Original (GREEN, 2012)   | Tradução (GREEN, 2012)  |
|--|---|
| I told Augustus the broad outline of my miracle: diagnosed with <b>Stage IV</b> thyroid cancer when I was thirteen. (p. 24) [destaque nosso] | Contei ao Augustus a versão resumida do meu milagre: diagnosticada com câncer de tireoide em <b>estágio IV</b> aos treze anos. (p. 29) [destaque nosso] |

No Exemplo 39, a tradutora não manteve a capitalização da palavra como no original; a capitalização é utilizada para mostrar certa importância do termo, chamar atenção para ele; entretanto, na tradução, isso não ocorreu. Neste exemplo, a personagem conta a Gus um pouco sobre sua doença.

**Exemplo 40**

| Original (GREEN, 2012)   | Tradução (GREEN, 2012)   |
|--|--|
| “How’s it going, Alisa?” he asked. She smiled and mumbled, “Hi, Augustus.” “Memorial people,” he explained. Memorial was the big research hospital. “Where do you go?”<br>“ <b>Children’s</b> ,” I said, my voice smaller than I expected it to be. (p. 17) [destaque nosso] | — E aí, Alisa. Tudo bem? — ele perguntou. Ela sorriu e balbuciou: — Oi, Augustus.<br>— Gente do Memorial — ele explicou.<br>Memorial era o grande hospital de pesquisas.<br>— Qual você frequenta?<br>— <b>O Hospital Pediátrico</b> — respondi, meu tom de voz mais baixo do que eu pretendia. (p. 23) [destaque nosso] |

No Exemplo 40, a tradutora explicou o que seria a expressão. No inglês, faz sentido utilizar só uma palavra, pois se está respondendo uma pergunta por meio de uma elipse (*Children’s Hospital*); por outro lado, na tradução, a tradutora preferiu se precaver e utilizar uma resposta mais completa.

O termo não poderia ter sido traduzido apenas por “Pediátrico” ou “Infantil”; não ficaria tão claro como ficou a resposta completa na tradução. No exemplo, a jovem Hazel está respondendo a pergunta de Gus sobre qual hospital ela frequenta.

**Exemplo 41**

| Original (GREEN, 2012)  | Tradução (GREEN, 2012)   |
|---|--|
| Hazel and I are going to watch V for Vendetta so she can see her filmic <b>doppelgänger</b> , mid-two thousands Natalie Portman. (p. 29) [destaque nosso] | A Hazel e eu vamos assistir ao V de Vingança para que ela possa ver a <b>doppelgänger</b> cinematográfica dela, a Natalie Portman do século vinte e um. (p. 33) [destaque nosso] |

No Exemplo 41, a tradutora manteve a palavra como no original; este procedimento é chamado de estrangeirismo, segundo Barbosa (2008, p. 71). A palavra é de origem alemã e significa “a capacidade de se transformar em um clone perfeito”; não existe uma palavra equivalente em português para isso, e explicar poderia perder a essência do sentido. A escolha da tradutora por manter o mesmo

termo do original foi boa. No exemplo, Gus comenta que a atriz do filme é a cópia de Hazel.

#### Exemplo 42

| Original (GREEN, 2012)   | Tradução (GREEN, 2012)   |
|--|--|
| They've got this drug that makes you not feel so completely terrified about the fact that you can't breathe, and I had a lot of it flowing into me through a <b>PICC line</b> , and more than a dozen other drugs besides. (p.24) [destaque nosso] | Existe um remédio que faz você não ficar totalmente apavorado pelo fato de não conseguir respirar, e eu tinha uma grande quantidade dele fluindo dentro de mim por <b>um cateter central inserido periféricamente — PICC</b> , para os íntimos — e mais de uma dezena de outros medicamentos. (p. 29) [destaque nosso] |

No Exemplo 42, a tradutora manteve o termo *PICC* do original. Este procedimento, segundo Barbosa (2008, p. 71), é chamado de estrangeirismo; deste modo, o sentido ficou bem claro, até porque em português usa-se essa sigla. Para uma melhor compreensão do termo médico, a tradutora utilizou uma explicação para o termo, como forma de garantir sua compreensão. Outro fator importante é que a tradutora manteve a capitalização da palavra, pois as siglas normalmente seguem esta formatação; para tudo isto é necessário estar entrosado no assunto.

Para descrever o termo, a tradutora precisou fazer um estudo de como é chamado o cateter por profissionais da saúde e para que ele serve. No exemplo 42, a personagem está comentando sobre o cateter utilizado para passar seu remédio.

#### 4.7 *Multiword Verbs*

Aqui será analisado o conceito de *Multiword Verbs*. *Multiword Verb* é a combinação de um verbo e um ou dois elementos (COWAN, 2008). *Multiword verbs* podem se dividir em *phrasal verbs*, *prepositional verbs* e *phrasal prepositional verbs*.

Os *phrasal verbs* são formados por um verbo e uma partícula. O termo partícula se refere à preposição ou advérbio (exemplo: *up*, *down*, *away*); entretanto, não exercem essa função quando parte de um *phrasal verb*. É importante mencionar que *phrasal verbs* não podem ser deduzidos a partir do significado de seus elementos.

Exemplificando, em *The plane took off* [O avião decolou.], *took* é o passado de *take*, que pode ter muitos significados, entre eles “pegar”, “receber”, “demorar”, e a partícula *off* pode significar “fora”, “desligado”, “apagado”. Deste modo, o

significado deste *phrasal verb* não poderia ser identificado pelo significado de seus elementos.

Os *prepositional verbs* consistem de um verbo seguido de uma preposição. O *prepositional verb* é transitivo. Deste modo, o verbo e a preposição não podem ser separados pelo objeto. Um fato importante é que eles podem ser deduzidos por suas partículas.

Exemplificando, em *You never listen to me!* [Você nunca me escuta!], *listen* é o verbo “ouvir, escutar” e *to* é a preposição “para”; deste modo, o significado deste *prepositional verb* pode ser deduzido a partir de seus elementos.

Os *phrasal prepositional verbs* consistem de verbos seguidos de dois elementos. O verbo e o primeiro elemento formam um *phrasal verb*, que é seguido de preposição, ou seja, “verbo + partícula + preposição”. Todos os *phrasal prepositional verbs* são seguidos de objeto.

Exemplificando, em *I broke up with my girlfriend* [Eu briguei com minha namorada], *broke* é o verbo, *broke up* é um *phrasal verb* e *with* uma preposição, *my girlfriend* é o objeto.

Em português não existem *multiword verbs*. Em inglês, os *multiword verbs* são formados por um verbo e outra partícula; por outro lado, em português, para traduzir os *multiword verbs* do inglês, são empregadas diferentes construções, de acordo com o contexto (BONAMIM, 2009, p. 46). Podem ser utilizados verbos transitivos, verbos intransitivos, ou verbos modais, dependendo da situação.

### Exemplo 43

| Original (GREEN, 2012)  | Tradução (GREEN, 2012)   |
|---|--|
| It was a long list. The world contains a lot of dead people. And while Patrick <b>droned on</b> , reading the list from a sheet of paper because it was too long to memorize, [...]. (p. 14) [destaque nosso] | A lista era grande. Tem muita gente morta no mundo. E enquanto o Patrick <b>continuava a ladainha</b> , lendo a relação em uma folha de papel porque era muito comprida para ser decorada, [...]. (p. 20) [destaque nosso] |

O termo presente no Exemplo 43 é *droned on*, que será analisado a partir dos conceitos de *multiword verbs*.

O *multiword verb drone on* é um *phrasal verb* (COWAN, 2008, p. 175), pois *drone* em um dos seus significados equivale a “falar”, e *on* é um advérbio. O *phrasal verb drone on* se refere a falar de forma chata e excessiva. (LONGMAN, 2007, p. 490).

O *multiword verb* *droned on* foi traduzido por “continuava a ladainha”. A tradutora utilizou um procedimento técnico chamado adaptação (BARBOSA, 2004, p. 76), que se aplica quando o original não existe na língua dos falantes da tradução, lembrando que não existem *multiword verbs* em português.

No Exemplo 43, o *prepositional verb* *droned on* traduzido por “continuava a ladainha”; foi bem traduzido, pois expressou a ideia de continuar a ação por um longo tempo, neste caso, a lista de pessoas mortas que Patrick recitava no grupo de apoio.

#### Exemplo 44

| Original (GREEN, 2012)  | Tradução (GREEN, 2012)  |
|---|---|
| In fact, on the Wednesday I made the acquaintance of Augustus Waters, I tried my level best to <b>get out of</b> Support Group while sitting on the couch with my mom in the third leg of a twelve-hour marathon of the previous season's <i>America's Next Top Model</i> , which admittedly I had already seen, but still. (p. 6) [destaque nosso] | Na verdade, na quarta-feira em que conheci o Augustus Waters, tinha feito de tudo para <b>me livrar da</b> ida à sessão de grupo enquanto estava sentada no sofá com a mamãe, no meio da terceira parte da maratona de doze horas da temporada anterior de <i>America's Next Top Model</i> , que, confesso, já tinha visto, mas mesmo assim [...]. (p. 14) [destaque nosso] |

No Exemplo 44, a tradutora traduziu o *multiword verb* *get out* por “me livrar”. *Get out of* é um *phrasal prepositional verb* (COWAN, 2008, p. 175), e seu significado pode ser deduzido a partir do verbos e das partículas. A tradutora utilizou uma expressão informal para explicar que a personagem Hazel não queria mais ir ao grupo de apoio.

Ao traduzir, a tradutora foi coerente na escolha de palavras, pois foi possível compreender a situação pela qual a personagem está passando, por não querer mais ir às reuniões. Deste modo, *get out of* traduzido por “me livrar” ficou muito bom.

#### Exemplo 45

| Original (GREEN, 2012)   | Tradução (GREEN, 2012)   |
|--|--|
| Mom: “Television is a passivity.”<br>Me: “Ugh, Mom, please.”<br>Mom: “Hazel, you’re a teenager. You’re not a little kid anymore. You need to make friends, <b>get out of</b> the house, and live your life.” (p. 7) [destaque nosso] | Mamãe: “Televisão é passividade.”<br>Eu: “Pô, mãe, por favor...”<br>Mamãe: “Hazel, você já é adolescente. Não é mais criancinha. Precisa fazer amigos, <b>sair de casa</b> , viver sua vida.” (p. 14) [destaque nosso] |

No Exemplo 45, a tradutora traduziu o *multiword verb* *get out of* por “sair de casa”. Há a possibilidade de se ver uma ambiguidade nesse trecho. Embora “sair de

casa” possa ser interpretado por “passear mais” ou por “se mudar”, no caso em pauta, o contexto deixa claro que se trata de “passear”.

*Get out of* é um *phrasal prepositional verb* (COWAN, 2008, p. 175). No dicionário (LONGMAN, 2007, p. 676), o termo se refere a “deixar um lugar, um quarto, um prédio”.

#### Exemplo 46

| Original (GREEN, 2012)   | Tradução (GREEN, 2012)  |
|--|---|
| “Um, Hazel Grace Lancaster.” He was just about to say something else when Isaac walked up. <b>”Hold on”</b> , August said, raising a finger, and turned to Isaac. “That was actually worse than you made it out to be.” (p. 15) [destaque nosso] | — Ahn, Hazel Grace Lancaster. Ele ia dizendo alguma coisa quando o Isaac se aproximou. — <b>Só um instante</b> — falou, levantando um dedo, e virou-se para o Isaac. — Isso foi pior do que você tinha dito, na verdade. (p. 21) [destaque nosso] |

No Exemplo 46, a tradutora traduziu *hold on* por “só um instante”. Segundo o dicionário *Longman* (2007, p. 770), o termo expressa desejo de que alguém espere ou pare de falar por um tempo. No exemplo, o personagem Gus pede para Hazel aguardar um minuto enquanto ele fala com Isaac.

*Hold on* é um *phrasal verb* (COWAN, 2008, p. 175). Ao traduzir, a tradutora precisou procurar uma expressão adequada, a qual exercesse equivalência entre o *multiword verb* e um equivalente em português.

#### Exemplo 47

| Original (GREEN, 2012)   | Tradução (GREEN, 2012)  |
|--|---|
| “You should see it,” he said. “V for Vendetta, I mean.”<br>“Okay,” I said. “I’ll <b>look it up</b> .”<br>“No. With me. At my house,” he said. “Now.” (p.17) [destaque nosso] | — Você deveria assistir — ele falou. — Ao V de Vingança, quero dizer.<br>— Tá. Vou <b>ver se acho para assistir</b> .<br>— Não. Comigo. Na minha casa — ele disse.<br>— Agora. (p. 23) [destaque nosso] |

No Exemplo 47, a tradutora traduziu o *multiword verb look it up* por “ver se acho pra assistir”. Em concordância com o dicionário (LONGMAN, 2007, p. 946), *look up* significa tentar encontrar informação em um livro ou computador. No caso a personagem diz que vai procurar o filme para assistir. O termo que pode ser separado pelo objeto é um *phrasal verb* (COWAN, 2008, p. 170).

A tradutora aqui utilizou um procedimento de tradução chamado adaptação (BARBOSA, 2008, p. 76), para fazer com que a situação ficasse compreensível.

**Exemplo 48**

| Original (GREEN, 2012)   | Tradução (GREEN, 2012)   |
|--|--|
| He nodded. “True enough, Hazel Grace.” He walked past me, his shoulders filling out his green knit polo shirt, his back straight, his steps liltng just slightly to the right as he walked steady and confident on what I had determined was a prosthetic leg. Osteosarcoma sometimes takes a limb to <b>check</b> you <b>out</b> . Then, if it likes you, it takes the rest. (p. 18) [destaque nosso] | E passou por mim, os ombros dando forma à camisa polo verde, as costas retas, os passos da direita um pouco mais marcantes enquanto andava firme e confiante apoiado no que eu determinei ser uma prótese. Às vezes o osteossarcoma leva um dos membros só para <b>dar uma sondada</b> em você. Depois, se gostar, leva o restante. (p. 24) [destaque nosso] |

No Exemplo 48, o *multiword verb* *check out* foi traduzido por “dar uma sondada”. Segundo o dicionário (LONGMAN, 2007, p. 257), este *multiword verb* significa “ter certeza de que algo é realmente verdade”, “estar correto ou aceitável”. No exemplo, o personagem está comparando seu câncer a uma pessoa, como se ele pudesse observar a pessoa. O termo que pode ser separado é um *phrasal verb* (COWAN, 2008, p. 170).

A escolha de palavras para os exemplos de *multiword verbs* foi bem feita, pois os termos foram bem compreensíveis.

## 5 CONCLUSÃO

Ainda que muitas pessoas achem que traduzir é fácil, foi possível observar que isso depende de vários fatores. Sempre existe um amigo que, só porque a pessoa sabe inglês, pede para ela traduzir algo; entretanto, para se traduzir, precisa-se não só de conhecimento da língua para a qual se vai traduzir, como também conhecimento da língua materna. A pessoa precisa ser coerente, e utilizar a coesão é outro fator de extrema importância. Outro exemplo importante é saber os procedimentos tradutórios, para saber como agir em determinada situação.

No Brasil, não é preciso ser graduado em tradução para exercer esta tarefa. São considerados trabalhos temporários; entretanto, o trabalho não pode ser realizado de qualquer maneira. A pessoa precisa ser paciente e ter tempo disponível para ficar horas em frente ao computador pesquisando, o que nem todas as pessoas conseguem. A maioria dos tradutores hoje não são graduados em letras ou tradução; o mercado de trabalho possui muitas pessoas da área de jornalismo, medicina, entre outras.

A tradução literária foi escolhida para o trabalho por enfatizar algo que sempre foi discutido: adaptar ou ser literal. Ao traduzir livros, obras literárias, é importante sempre aproximar o texto do leitor, para torná-lo mais interessante, sem retirar sua essência.

Foi observado em relação à parte cultural que o autor adicionou muitos elementos que aparentemente precisariam de um conhecimento prévio do leitor, como *hamartia*, espada de Dâmocles, *ANTM*; entretanto, a tradutora se manteve bem ao longo da tradução, adaptando quando necessário, mantendo o mesmo termo do original, se possível (procedimento de tradução chamado estrangeirismo), pois sempre existe algo que não possui equivalência na língua de chegada, ou o que seria equivalente não ficaria tão natural. Os procedimentos de tradução foram analisados a partir de Barbosa (2004).

Durante o trabalho, fez-se uma análise de como os itens foram traduzidos, se eles condiziam com a linguagem do público-alvo, se faziam sentido. A tradutora fez uma boa escolha de palavras, fazendo com que as situações ficassem bem claras.

Alguns termos específicos não foram mantidos com a mesma tradução durante o livro, por exemplo, *Support Group*, que teve diferentes traduções durante o

livro. É de grande valia que permaneçam como o original; entretanto, não foi assim. Em alguns casos, a tradutora não manteve a formatação da palavra, a capitalização ou o itálico, por exemplo, *Stage IV* que foi traduzido por “estágio IV”. Essas partes deixaram a desejar, pela falta de paralelismo.

Concluindo, o livro no todo foi bem traduzido; a tradutora na grande maioria dos casos soube lidar bem com situações inexistentes em português ou que precisavam de adaptação para traduzir a situação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Academia Brasileira de Letras. (ABL). **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>. Acesso em: 19 out. 2016.
- BALLARD, Michel. Antigas Premissas. In: MARTINS, Marcia A. P. (Org.). **Tradução e Multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução**: Uma nova proposta. Campinas, SP: Pontes, 2004.
- BLOOM, Harold. **Shakespeare**: a invenção do humano. Tradução de José Roberto O`Shea. Editora Objetiva, 2000.
- BONAMIN, Márcia Costa. Fundamentos do Texto em **Língua Inglesa I**. Curitiba: IESDE, 2009.
- BORGES, J. N. F. **O Legado Cultural Grego**. Trabalho para o ensino de graduação do curso de licenciatura plena em Pedagogia. Universidade Federal do Amapá, Amapá, 2011. Disponível em: <<http://www2.unifap.br/borges/files/2011/02/O-Legado-Cultural-Grego.pdf>>. Acesso em: 9 dez. 2015.
- BRITTO, Paulo H. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CINÉFILOS. Website de jornalismo Junior. **Vlogger**. Disponível em: <<http://cinefilos.jornalismojunior.com.br/entenda-o-que-e-um-vlog/>>. Acesso em: 18 out. 2016.
- COWAN, Ron. **The teacher`s Grammar of English**. Cambridge: CUP, 2008.
- GREEN, John. **The fault in our stars**. New York: Dutton Books, 2012.
- GREEN, John. **A culpa é das estrelas**. Tradução de Renata Pettengill. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.
- InfanTv. Website dedicado a programas de televisão. **Kung Fu**. Disponível em: <[http://www.infantv.com.br/kung\\_fu.htm](http://www.infantv.com.br/kung_fu.htm)>. Acesso em: 2 ago. 2016.
- INTRÍNSECA. Website da editora. **A culpa é das estrelas**. Disponível em: <<http://www.aculpaedastrelas.com.br/>>. Acesso em: 8 out. 2015.
- ITUNES. Website da empresa Apple de tecnologia. **Debbie Downer**. Disponível em: <<https://itunes.apple.com/br/album/sometimes-i-sit-think-sometimes/id957817169>>. Acesso em: 9 nov. 2016.
- LINS, Gilda; LUNA, Maria José de Matos. **Formação de professores em Língua Portuguesa**. Recife: Ed. Universitária da UFFE, 2005.

LONGMAN Advanced American Dictionary: the Dictionary for Academic Success. Harlow: Pearson, 2007.

MARTINS, Nilce Sant`Anna. **Introdução à Estilística**. São Paulo: EDUSP, T. A. Queiroz , 2008.

MATOS, Denilson. **Língua Portuguesa II: Morfologia I**. Curitiba, PR: IESDE, 2009.

MCKAY, John. **THE ROUGH GUIDE TO ROCK**. London: Rough Guides Ltd, 2003.

MCLEISH, Kenneth. **Aristóteles**: A poética de Aristóteles. Traduzido por Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1998.

MOUNIN, Georges. **Os Problemas Teóricos da Tradução**. São Paulo: Cultrix, 1975.

MUNRO, John. **The London Shakespeare**. Volume V. New York: Simon and Schuster, 1957.

REBELLO, Adriana. **Interjeição**. Um Fator de Identidade Cultural do Brasileiro. Jundiaí: Editora Paco Editorial, 2016.

REDE GLOBO. Website oficial da emissora da Rede Globo. **A história e curiosidades do All Star Converse**. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/sp/tvtribuna/camera-educacao/platb/2014/08/12/a-historia-e-curiocidades-do-all-star-converse/>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

SONG FACTS. LLC, 2016. **Ball and Chain**. Disponível em: <<http://www.songfacts.com/detail.php?id=19662>>. Acesso em: 19 out. 2016.

SONY. Website oficial do canal de televisão Sony. **Brazil's Next Top Model**. Disponível em: <<http://br.canalsony.com/programas/americas-next-top-model>>. Acesso em: 21 out. 2015.

The American Heritage Dictionary. (TAHD). Disponível em: <<https://www.ahdictionary.com/word/search.html?q=ugh>>. Acesso em: 19 out. 2016.

TREVIZAN, Karina. **Almanaque dos Reality Shows no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Editora Panda Books, 2011.

UFCG. BIOGRAFIAS. **Dâmocles**. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/Damocles.html>>. Acesso em: 21 out. 2015.

UOL. Website oficial do provedor de internet UOL. **Biografia de John Green**. Disponível em: <[http://pensador.uol.com.br/autor/john\\_green/biografia/](http://pensador.uol.com.br/autor/john_green/biografia/)>. Acesso em: 8 out. 2015.

Urban Dictionary Online. Disponível em: <<http://www.urbandictionary.com/>>. Acesso em: 8 out. 2015.

VEGA, Miguel Ángel. (Ed.). **Textos Clásicos de Teoría de la Traducción**. Madrid: Cátedra, 1994.

Word Reference Online. Disponível em:  
<<http://www.wordreference.com/>>. Acesso em: 10 jun. 2016.